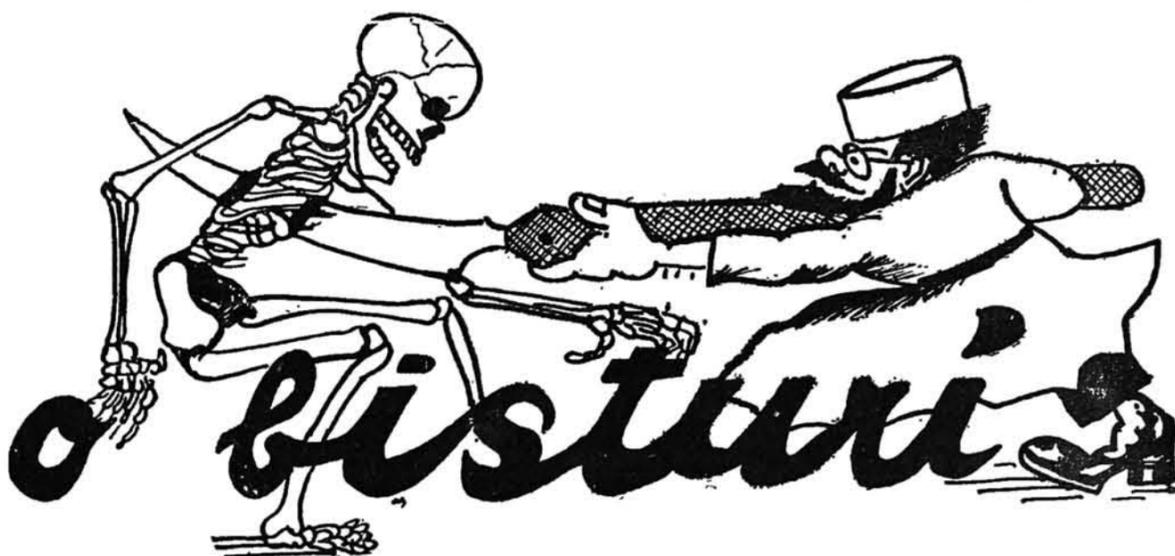




Órgão Oficial do Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz»
Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Diretor: WILLY KENZLER

Secretário: ODILÓN DE MELLO FRANCO Fº.



Volta à realidade

O último número de «O Bisturi» data de Setembro de 1954. A Faculdade de Medicina da U.S.P. ficou um ano sem um jornal de seus alunos. Isso é grave.

Esses alunos não têm capacidade para realizar um jornal? Não! Evidentemente não, pois se tivessem, o teriam realizado.

O fato é que em outubro do ano passado, uma discordância de opinião entre as direções do CAOC e do Bisturi, determinou a suspensão do número já preparado. A Direção do jornal preferiu não publicá-lo, a omitir certo artigo interdito pelo presidente do CAOC, embora assinado, pois entendeu que isso viria quebrar a linha de independência e liberdade que se propuzera.

E ninguém fez outro BISTURI. E foi bom. Porque seria realização pessoal de um indivíduo que se sacrificaria pelo conjunto, e portanto, o jornal não seria expressão dos acadêmicos de Medicina. Seria uma aparência. Ua máscara. Boa ou má. Mas sempre máscara, escondendo a verdadeira realidade: o fato de que na Faculdade de Medicina não havia uma equipe de estudantes para produzir normalmente um jornal com as características do «O BISTURI» de 1954.

O jornal não saiu porque não podia, não merecia sair. E não foi fabricado às pressas para manter as aparências. FOI UMA VOLTA A REALIDADE.

Neste ano, prosseguindo na luta para manter a realidade, e não a farsa, como base de nossa produção aceitamos a direção do BISTURI, com a condição de só executá-lo sob apóio de uma equipe redatorial inégrada em seu espírito crítico-constructivo e modelador, e com base financeira sólida, que nos encarregamos de tentar conseguir.

E conseguimos.

Demorou 6 meses. A equipe de redatores esteve sempre a postos, mas a tentativa de obter a verba falhara sucessivamente, conforme explicação detalhada em circular-extra de maio de 1955. Nem estudantes, nem agentes comerciais, nem ninguém nos ajudou até que em julho firmamos compromisso com nosso colega José Knoplich, que se responsabilizou, auxiliado por Filadelfo Nilo Jr. a editar o jornal, mediante determinados direitos de exploração comercial.

Essa ausência de «O BISTURI», foi uma volta à realidade.

Poderíamos ter feito o jornal à custa de imenso sacrifício conseguindo todos os anúncios e escrevendo todos os artigos pessoalmente, como alguns diretores (e nós mesmos) já fizeram.

Qual o valor de tal jornal? O mérito pessoal do realizador é o de salvaguardar as aparências; poder-se-ia dizer: «O BISTURI» saiu. E só.

Seria mais uma hipocrisia, das tantas que andam por aí (e que pretendemos ir abordando uma a uma): o jornal do CAOC que não é jornal do CAOC.

Não interessa manter as aparências. Vamos acabar com a inércia. Não vamos esconder as feridas; vamos reconhecer e tratar nossos males.

RECONHECER indo com modestia e honestidade para conosco próprios, às reuniões de estruturação da Congregação Acadêmica, do Centro de Debates, do Clube Cultural, etc.

TRATAR, pondo em prática, imediatamente, as conclusões a que chegarmos.

A DIREÇÃO

A você colega que chegou...

... é que dirijo estas palavras de acolhida. Palavras que faltaram a minha e às turmas anteriores, palavras que foram substituídas por gritos de "PEGA CALOURO", corte de cabelo e imposição de ritas.

Você que representa o que Emersou chamou de "triunfo de um entusiasmo" recebe agora o "bastão" desta "corrida" e esperamos que no outro ano acolha com idênticas manifestações os futuros colegas.

Você faz parte de uma turma que inicia um outro tipo de tradição: mais cordial e humana. Onde o apêto de mão substitui as cenas de vandalismo, onde "calouro" significa colega. É isto que cabe a você perpetuar.

Antes de você conseguir ingressar na Faculdade, colega, por certo ouviu falar da excelência do ensino aqui ministrado, além de toda a imponente história do padrão "A".

Agora chegou sua vez de provar esta realidade, entrando em contacto com os diversos laboratórios e professores que durante seis anos lhe ensinaram o que há de recente e de tradicional em Medicina. Mas, caro colega, logo no início você viu que também existem aulas absoletas e professores relapsos e que nem

tudo corresponde ao alto padrão de ensino.

Mas o mal não se corrige com a complacência, nem com a cumplicidade. Você que agora chegou que ainda não tem a acomodação fácil dos veteranos, você que ainda não caiu no con-

formismo dos mais antigos deve reagir e cerrar fileiras para que tudo na Faculdade esteja à altura do seu renome.

Qual deverá ser sua atitude? É procurar se integrar da organização da Associação dos Alunos. Conclui na 4.a pág.

IX Semana Brasileira de Debates Científicos

SALVADOR — BAHIA

9 16 OUTUBRO 1955

Vamos a Bahia?

Seu trabalho vai indo?

Mac-Med

1 9 OUTUBRO

Faltam 40 dias para a vitória.

TREINE.

Congregação Acadêmica

Val nascer. Pelo menos está a termo. O ante-projeto dos Estatutos está pronto, elaborado pelo colega — presidente do C. A. O. C., baseado na idéia do colega Willy Kenzler, no estudo do doutorando H. Walter Pinotti e em outras fontes, pelo que o cumprimentamos vivamente.

A lei obrigando a representação dos estudantes junto à Congregação da Faculdade já foi assinado pelo Sr. João Café Filho.

Vamos estudar os estatutos, meus amigos.

Vamos criar esse organismo, seja como órgão consultivo do C. A. O. C., seja como órgão deliberativo em substituição parcial às assembléias gerais, seja como entidade independente do Centro.

O importante é criar, sob qualquer nome, um organismo, onde os líderes de cada classe, se reúnam periodicamente para debater os temas de vital importância para a F. M. U. S. P. e definir a posição do estudante frente a esses problemas.

Acabar com o marasmo. Vencer inércia.

Substituir as infrutíferas e covardes conversas e discussões do porão por debates corajosos, orientados, conclusivos.

Inicialmente teremos que reconhecer muitas vezes nossa

quase absoluta ignorância e incompetência, advinda da falta de prática.

Não sabemos sequer nos comportar de forma produtiva numa reunião.

Não conhecemos suficientemente a vida da Faculdade.

Quem de nós tem idéia da lei do ensino?

Quem sabe ao certo as atribuições dos diversos órgãos administrativos da Escola?

Quem sabe ao certo o que se está fazendo na reforma da Faculdade?

Mas quem não tem uma queixa sobre o curso?

E qual de nós não tem uma idéia para melhorá-lo?

Quem não tem uma crítica?

Quem de nós não tem uma dívida para com a Faculdade, para com esse povo, que possibillita e paga sua formação?

Vamos estudar, aprender, formar espírito crítico, observador constructivo.

Vamos pagar essa dívida, ajudando modestamente os dirigentes da Escola a governá-la melhor, e com isso, aperfeiçoando nossa formação no sentido integral, amplo, como homens de cultura, e portanto, ação universitária, para num futuro próximo ou remoto, melhor podermos retribuir a essa Sociedade a que ele nos proporciona: sabedoria, capacidade, bem estar, segurança.

W. K.

LEIA

	Pág.
Os calouros também pensam	2
Descendo a lenha ...	3
Ensaio Médico: Pesquisa obrigatória ..	5
Zé Bronquinha	7
Aumento de vagas ..	9
Liga de Combate à Febre Reumática	11

UMA SALA PARA "O BISTURI"

Das dependências em construção no porão da Faculdade, destina-se uma sala à redação e secretaria do nosso jornal, conforme entendimento com o Dr. Lacaz.

Um progresso grandioso, pois embora subentenda-se que um jornal tem uma sede, "O BISTURI" tinha a sua na pasta do diretor, no armário do secretário, no porta-mala do carro do ex-diretor...

Felizmente agora vai melhorar... com a sua ajuda para a compra dos móveis da sede.

Aguarde a fachada...

Os calouros também pensam

Uma experiência

Assustei ao entrar na Faculdade. O ambiente estava pesado. Não descer ao porão, não ficar depois da aula, andar em grupos, eram ordens que choviam de todos os lados. Justificava-se. Depois da batalha para extinção do trote não sabiam, calouros e veteranos, qual seria a reação.

Mas uma dúvida maior pairava no espírito de todos. Ouvíamos constantemente: "Vocês nunca serão uma turma unida. Não perderão a "mascara" e não conseguirão se ambientar".

Mesmo àqueles que batalharam pela extinção do trote duvidavam, e o demonstraram quando disseram: "Vocês são o tubo de ensaio de uma grande experiência".

E esta dúvida, é claro, nos contaminou. Compramos o nosso primeiro bisturi (não o jornal) com um orgulho muito próprio de calouros. Mas de tal maneira nos pintaram o ambiente que estávamos certos de usá-lo primeiro no colega, depois na peça de anatomia.

Não sabíamos, como os demais, se o argumento dos "trotistas" era ou não certo. Só o tempo poderia responder.

A resposta veio. Veio e negou todos os argumentos. Nossa turma, posso afirmar, é unida.

Um fato triste trouxe-me a primeira impressão de união. O Marcel adoecera. Fui ao hospital visitá-lo e encontrei o quarto cheio de colegas. Outra turma chegou a nossa saída. Todos sem exceção alguma foram vê-lo. Todos sem exceção alguma se preocuparam com suas faltas e se indignaram com o descaso de que ele foi objeto no hospital.

Senti, então pela primeira vez essa união.

E continuo vendo todos os dias, como ela cresce.

Nas salas de estudo, nos jogos, nos nossos bailes, nas nossas conversas e passeios.

Não há voz discordante na classe.

Provamos que não só o trote, mas o trabalho de equipe, a compreensão dos problemas comuns (que são muitos) e diversas outras cousas trazem a união.

Estamos convencidos de que o trote não nos fez falta. Estamos convencidos de que o trote não era um mal necessário. Era apenas um mal.

Esperamos não ter desapontado os que em nós confiaram. Creio que eles podem olhar o tubo de ensaio e concluir que a experiência não falhou.

Paulo Gaudêncio

C.A.O.C.-Relatório da Presidência

Ao iniciarmos nossa gestão, à frente da Diretoria do C. A. O. C., deparamos com uma situação financeira muito aquém das suas necessidades, pois que tínhamos, apenas, algum saldo nos bancos (Cr\$ 20.000,00) e receberamos do Jôquei Clube Cr\$ 25.000,00.

Por outro lado, Bar apresentava um «deficit» de Cr\$ 40.000,00 e o Cursinho, uma dívida de Cr\$ 55.000,00.

Pois bem, a situação financeira do Centro não era das melhores, nem das mais animadoras.

E para agravar mais aquela situação, tivemos a triste notícia de que a verba se destinava ao Centro, vinda por intermédio da Reitoria, e orçando em Cr\$ 100.000,00, havia sido congelada pelo Sr. Governador do Estado.

Soubemos, então, que Centro Acadêmico tinha cerca de Cr\$ 40.000,00 para receber, como subvenção extraordinária do Governo Federal, vindos através do Conselho Nacional de Serviço Social (C. N. S. S.) e, para tratar do assunto, dirigimo-nos ao Rio de Janeiro.

Tivemos, então, uma decepção ao verificar que Cr\$ 30.000,00 da subvenção já haviam caído em «exercício findo» e que só poderíamos receber os Cr\$ 10.000,00 restantes, desde que o Centro estivesse registrado no C. N. S. S.

Procuramos, assim, saber se esse registro havia sido feito pelos ex-presidentes do Centro, e qual não foi nossa surpresa ao constatarmos que nunca se haviam preocupado em fazê-lo, ou se se preocuparam não foram além disso.

Tratamos, então, do registro, o que garantirá às próximas diretorias, uma subvenção anual de mais Cr\$ 10.000,00.

Além disso, procuramos conseguir o descongelamento dos Cr\$ 100.000,00 estaduais e, graças à Diretoria da Faculdade, estamos esperando recebê-los de uma hora para outra.

Para melhorar um pouco a situação financeira, o «Baile dos Calouros» deu lucro razoável e a «Noite de Maio» deu um «superavit» de Cr\$ 50.000,00 (fato que não ocorria há mais de 5 anos).

Começaram, então, a se equilibrar as finanças do Centro.

Poderíamos trabalhar mais sossegados, e isto graças ao trabalho louvável da Tesouraria e da equipe do Departamento Social.

DEPARTAMENTOS — Vários dos Departamentos do C. A. O. C., que antes eram estáticos, procuramos tornar dinâmicos. Na maioria deles constituíram-se boas equipes que passaram a funcionar. cremos que alguns deles poderiam produzir um pouco mais, mas a tendência parece que é melhorar.

Nossa preocupação foi que os Departamentos não sofrêssem as consequências de uma burocratização obsoleta, e que, dentro das suas finalidades, fossem auto-suficientes.

O resultado foi que a maioria dos Departamentos atingiu essa meta. Pesava sobre os diretores a responsabilidade do funcionamento de seu departamento e eles produziram. Como exemplos poderíamos citar a Liga de Combate ao Câncer, que não funcionou o ano passado, a Liga de Combate à Tuberculose, Departamento de Psicologia e Medicina Psicossomática, Departamento de Cinema, etc.

Criamos o Departamento de Publicações e, felizmente, ele teve um começo promissor de um grande futuro, apesar de não termos recebido o apoio de várias turmas. Tem ele suas salas próprias no prédio do Cursinho.

Parece que a Diretoria da Faculdade está inclinada em fazer um

convênio com o Centro, no sentido de ser usado por nós, o Multilith da Faculdade, que, por falta de pessoal, está parado. Esperamos conseguí-lo com a Diretoria e o C. T. A. dentro de pouco tempo.

DENTISTA — Seu funcionamento foi muitíssimo irregular, todavia, foi uma situação que não poderíamos evitar. Passará a funcionar em uma nova sala que está sendo construída no porão da Faculdade e só estamos aguardando o término da construção para que ele comece a atender aos «colegas». Estudaremos, também, a possibilidade de serem feitos serviços de prótese dentária, ampliando, assim, o seu funcionamento.

CURSINHO — Deficitário no início, já quase cobriu «deficit» do ano passado. Modificamos tipo de relações entre ele e o Centro e, desta vez, na pior das hipóteses, o Centro não terá prejuízo.

Parece-nos que a solução deste problema foi a mais normal e prática: — o Centro Acadêmico não receberia qualquer contribuição do Cursinho, enquanto não fosse paga toda a dívida com o dividendo que se destinaria ao C. A. O. C.

Isto importou na exclusão de uma das fontes de renda do Centro, mas não poderia ser de outra forma.

BAR — Problema que tem afligido as 8 ou 10 últimas Diretorias do C. A. O. C., sem se conseguir solucionar-lo.

Preocupamo-nos com ele (para não fugir à regra) e tentamos o arrendamento. Infelizmente nada se pôde fazer.

Tentamos novas soluções e, felizmente, (para alegria geral) conseguimos que o C. T. A. votasse a inclusão da reforma do Bar no plano geral de reforma da Faculdade, à custa da verba Federal que recebeu.

Desta vez a reforma sai mesmo e será total.

Queremos agradecer, aqui, aos Professores Cavalcanti, Cunha Mota, Carlos Lacaz, Charles Corbett, Decourt, Tolosa, Ulhôa Cintra. A eles o muito obrigado dos estudantes da F. M. U. S. P., reconhecidos pelo auxílio que não esqueceremos, pois veio solucionar um dos mais aflitivos problemas do C. A. O. C.

CASA DO ESTUDANTE E TERRENO — Este problema, bem como o anterior, promessa de solução e plataforma eleitoral de todos os candidatos à Presidência do Centro, não foi promessa de nossa Diretoria na época das eleições, mas é um dos pontos de nosso programa. Para, pelo menos iniciarmos a campanha, estamos tratando de legalizar a situação do terreno ocupado pelo Estádio pelo Cursinho, para que ele passe para o patrimônio do Centro.

Estamos preparando os papéis e toda a documentação para entrarmos na Assembléia Estadual com um pedido de sua doação ao C. A. O. C. Esperamos conseguir o terreno e, então, poderemos iniciar a campanha pela Casa do Estudante, velho sonho dos Estudantes de Medicina da nossa Faculdade.

CONGREGAÇÃO DOS ALUNOS E REFORMA DOS ESTATUTOS — A idéia da criação de uma Congregação de Alunos em nossa Faculdade nasceu o ano passado, ou melhor, tomou corpo, mas, infelizmente, não se concretizou.

Firmamos com um dos pontos de nosso programa a criação, que todos sentimos necessária, da Congregação de Alunos, e os exemplos de Faculdades de outros estados nos animaram.

A reforma de nossos Estatutos, que já está quase pronta, e o modificação de nosso regime impõe uma solução urgente e, dentro de

poucos dias, realizaremos uma Assembléia para tratar do assunto.

Os problemas do ensino médico estão exigindo de todos nós u'a movimentação decidida e não podemos cruzar os braços, impassivelmente, deixando que o barco de nossos ideais naufrague por culpa de nosso indiferentismo.

Esse é um dos pontos visados pela Congregação dos Alunos, regime funcional e que virá solucionar, cremos firmemente, os problemas de ensino que afligem o nosso estudante da F. M. U. S. P.

Uma das preocupações de nossa Diretoria tem sido a formação de uma equipe grande de trabalho, com o desenvolvimento de uma consciência universitária amadurecida.

Graças à colaboração de vários colegas isto está sendo conseguido e esperamos que um espírito de equipe e de colaboração mútua se fortaleça.

As novas turmas de colegas são uma promessa que entusiasma.

Esperamos, no entanto, que não caiam na rotina dos individualistas.

Adelôncio Faria de Santana
Presidente

???

Quantos livros de poesia você leu?

Quantas conferências sobre Filosofia, assistiu?

Quantos concertos presenciou?

A quantas peças teatrais assistiu?

Quantos artigos escreveu?

Seja honesto consigo mesmo, e envergonhe-se de sua pobreza cultural, caro colega "maioria". Comece hoje a reforma em sua Vida.

Deixe de ser "MAQUINA DE ESTUDAR" para se tornar UNIVERSITÁRIO.

Ajude O BISTURI e ganhe dinheiro: consiga um anúncio.

EXPEDIENTE "O BISTURI"

Órgão Oficial do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" da Faculdade de Medicina de Universidade de São Paulo

AV. DR. ARNALDO N. 1 F.: 52-1729 — S. PAULO Ano XXII - Agosto 55 - N° 71

DIRETOR: Wilhelm Ketzler (Willy)

SECRETARIO: Odilon de Mello Franco Filho
REDATORES: J. Crispim Noronha, Fernando Proença de Gouveia, José Knoplich, Lineu M. Linardi e Diomedee Beliboni.

A Direção não é responsável nem necessariamente solidária com as opiniões contidas nos artigos assinados ou com pseudônimo. Não se publicam colaborações que não tenham autor responsável.

Este jornal é distribuído gratuitamente a todo o corpo discente e docente da FMUSP e aos médicos do Hospital das Clínicas; é enviado a todas as Faculdades do país, algumas do Exterior, a várias Bibliotecas e Poderes Públicos.

PUBLICIDADE: José Knoplich e F. Nilo Jr.

Tiragem deste número: 2.500 exemplares

SR ANUNCIANTE

O seu aviso-comercial foi lido por aproximadamente 7.500 pessoas da família médica da F.M.U.S.P., que é a circulação média de nosso jornal (3 pessoas lêem cada exemplar).

Desejamos bom êxito.

E' o que podemos oferecer, além do nosso sincero reconhecimento ao seu espírito clarividente e compreendedor das realizações universitárias, que estendemos aqui às seguintes firmas, bem como àqueles que por motivos alheios à sua vontade não puderam colaborar neste número:

«Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltd.»; Ind. Química e Farmc. Schering; Lab. Torres; Lab. Xavier; Lab. Sintético; Lab. Climax; Curso Brigadeiro; Lab. Lepetit; Casa-Walter; Laboroterapica; Lab. Lafi; Brasimet; Prod. Nestlé; Lab. Sanitas do Brasil e Cia. Química Rhodia Br.

CONDUTA DIAGNÓSTICA

PARA RECONHECIMENTO DE UM MAL NACIONAL

pelo (futuro) dr. ODILON

NOME: — Estados Unidos do Brasil.

IDADE — 455 anos.

QUEIXA E DURAÇÃO: — O paciente queixa-se de debilidade geral, pouca projeção no cenário mundial. As dores articulares são impressionantes; trabalha pouco. A pele da região Nordeste está bem seca.

O exame clínico revelou mau estado geral. A percussão da região leste evidenciou água-salgada. Foram pedidos exames de laboratório.

1) Exame direto

A situação é tão negra que nem necessitou fazer coloração do material. O corte da região Norte evidenciou muita água e pouca gente; e da região Nordeste, muita gente e pouca água.

2) Exames indiretos

a — Provas sorológicas. A verificação anamnética revelou haver anterior parasitismo específico durante 15 anos. Pesquisou-se então a presença de anti-corpos anti-ditatoriais. Foi empregada a reação de Carlos de Lacerda, prova rápida: resultado positivo com título elevado.

b — Inoculação em outras nações. Impossível; todas elas já estão infectadas mais ou menos gravemente.

c — Exame do dinheiro circulante. E' bastante contraditório. Apresenta poliglobulia monetária sem que, no entanto, proporcione divisas suficientes para boas trocas externas. E' uma anemia tipo macrocítica hipocromica. Foi tentada a solução de Gudin a 5% sem resultados satisfatórios.

d — Hemo-sedimentação. E' notável o resultado. As células figuradas se depositam com incrível rapidez. Nunca se viu o câmbio cair tanto de valor, em tão pouco tempo.

e — Exame radiológico. Demonstrou haver focos de petróleo em várias regiões. Discute-se ainda se é nosso ou não. A Petrobras também foi evidenciada.

f — Exame coprológico. Vasta infestação de parasitas do gênero Gregorius, da família dos Corrupticídios. Alguns deles foram encistados no edifício d o Galeão. Foram tentados, sem êxito, alguns purgativos.

3) Terapêutica: Discutida

Aos q ue acertarem, nossas congratulações; aos que não acharem remédio, oferecemos grátis uma viagem de ida a algum país estrangeiro para passar lá o resto da vida, porque o negócio aqui vai piorar.

(Transcrito do «Centenário»)

RODÍZIOS

U'a medida que se impõe

(Sugestão aos Professores)

Há os bons professores. E os bons assistentes. E os bons médicos auxiliares. E os bons internos. Em toda clínica. E há os maus. E quantos! Também em todo serviço.

Os primeiros «sabem». Sabem porque são inteligentes, esforçados, experientes, estudiosos. Além de saber, preparam. E escolhem o caso. Revêem o assunto. E além de tudo: tem «geito»: sabem explicar, percebem as dúvidas, são objetivos, são claros. Têm vocação. Acertaram a profissão: nasceram para ensinar medicina.

Os segundos... não «sabem». Ou não tem vontade. Ou não tem «geito». Não estudam, não se esforçam, não preparam. Ou fazem tudo isso, mas não adianta. Continuam maus, porque não sabem explicar, por falta de lógica, de português, de... os motivos são inúmeros e combinam das formas mais variadas para dar os maus docentes.

E nós, estudantes, bons e maus, somos alunos desses bons maus professores. Mas não de modo correspondente.

E em determinadas cadeiras (Clínica Médica, Pediatria, Psiquiatria, Moléstias Infecciosas, Técnica Cirúrgica outras) os grupos de alunos para as aulas práticas são entregues a um médico (assistente, auxiliar ou interno) durante todo o curso.

O resultado é evidente. Uns aprendem. Outros não.

Uns recebem a orientação de um ótimo assistente, com anos de experiência e estudo, que gosta de ensinar e que sabe o que como ensinar.

Outros passam o ano em dolorosos suspiros, franzindo o cenho em significativos sinais recíprocos, muitas vezes abafando risotas, ou afofando bocejos, diante de tartamudez, e mediocridade de um auxiliar inexperiente, desinteressado, ou incapaz.

Isto não quer dizer que «assistente é bom» e «auxiliar não presta». O H. C. estão pleno de exemplos em contrário. E por vezes é interessante compartilhar as dúvidas de um interno, desde que seja esclarecido, objetivo e... não seja «sacador».

Considerando tudo isto, propomos:

Instituir sistema de rodízios de 2 em 2 meses dos grupos de aulas práticas em todas as clínicas.

E acrescentamos mais os seguintes argumentos:

— O exemplo proveitoso de outros Departamentos (Clínica Cirúrgica, Hematologia, o Curso de Semiologia do 3.º ano em 1954, etc.).

— A lei de Gauss e o cálculo de probabilidade: Cada aluno tem as mesmas probabilidades de «cair» com bons e maus docentes.

— A lei das compensações: O eventual prejuízo de um grupo num ano ou semestre, será com toda a probabilidade, compensado em outro curso ou ano.

— O princípio das visões múltiplas: Cada aluno teve contacto com mais de um especialista e sua visão naquele setor, tem menos probabilidade de ser parcial, unilateral, excêntrica.

— O princípio da igualdade de direitos.

— O bom senso.

W. K.

Um aluno na Congregação

O Presidente da República já assinou

Segundo informação do presidente do CAOC, o Sr. João Café Filho já assinou o lei que cria em caráter obrigatório, como condição para o reconhecimento da Faculdade, a representação dos estudantes junto à Congregação da escola. O representante será o presidente do Centro Acadêmico.

A existência do Centro Acadêmico posse também a ser condição para o reconhecimento de Faculdade, e deverá ser constituído por 9 membros, sendo um diretor de esportes.

Torna-se necessário pois uma reforma nos Estatutos do CAOC, para que êsse antigo anseio dos estudantes se concretize. Participar, com direitos e deveres, diretamente na direção da Faculdade. Para que nos tornemos merecedores de tão insigne distinção precisamos trabalhar muito; puxar nos problemas da Escola, estudá-los seriamente, para que nosso representante possa oferecer algo de útil à vida e ao progresso da «Casa de Arnaldo».



cloroanfenicol e bismuto associados constituem um progresso real na terapia rápida das anginas

Bismocetina

Lepetit



Apresentação: Caixas com 2 supositórios

Descendo a Lenha

Somos alunos ou instrumentos de luta?

Aluno de uma Faculdade de Medicina padrão A, reconhecida em seu valor por todo mundo científico fui (eu e os demais colegas) joguete de uma rivalidade absurda entre dois catedráticos cuja obrigação fundamental deveria ser o ensino honesto e completo da Clínica Cirúrgica, cada um ministrando um setor desse imprescindível ramo do nosso currículo.

No entanto, baseados em inimizades pessoais, em detrimento do nosso aprendizado, as Cadeiras de Clínica Cirúrgica se degladiam ante as vistas transigentes dos membros da Congregação e do C. T. A. que aparentemente concordam com tamanha irresponsabilidade. Basta lembrar que os programas dessas Cadeiras são rotineiramente aprovados todos os anos, numa lamentável indiferença, dando a entender a quem assiste de fora, que tudo está certo.

E qual é o resultado disso? Eu e os demais colegas de turma, já doutorandos em 1955, tivemos uma parte do programa de Clínica Cirúrgica repetida duas vezes: o Aparelho Digestivo. E vejam bem, a Congregação aprovou em plenário a ambos os programas fazendo vistas grossas a um absurdo tão gritante. Ao mesmo tempo Cirurgia do Torax e dos Vasos foram postos de lado como si não merecessem qualquer atenção.

Houve quem tentasse solucionar o problema, tentando organizar um único Departamento de Cirurgia. Mas o plano ficou pela metade pois os dois famosos competentes rivais queriam tomar conta do mesmo setor, colocando acima do ensino o seu orgulho e validade intangíveis. E o tempo vai passando sem que se modifique calamitosa situação, prejudicando unicamente os alunos, transformados em joguetes, usados como armas de uma guerra irresponsável.

E a solução é uma só: coragem! Com essa política de «panos quentes» aguardando, talvez, a aposentadoria de um deles é que não se resolve a situação. E enquanto perdura a briga eu pergunto a vossa consciência ilustres professores: «Somos alunos ou simples armas de luta?»

Fernando Proença de Gouvêa

CURSO BRIGADEIRO

de

Preparatório para as Faculdades de Medicina

NOVA TURMA INICIADA DIA 8 DE AGOSTO

AVENIDA LIBERDADE, 834 — 1.º ANDAR

Vamos voltar à realidade

Nossa escola é padrão A. Nossos professores são os melhores.

O H. C. é o maior da América do Sul. Nós somos «acadêmicos» da F. M. U. S. P.

Que beleza!... Que máscara!...

E o curso de Fisiologia? E a anatomia em 3 anos? E os exames vergonhosos de algumas matérias?

E as «briguinhas» entre Departamentos? E a desorganização do currículo?

E os bedes desonestos? E os ratos das enfermarias do H. C.?

E a balburdia do P. S.? E as hepatites do H. C.? E as eternas granulações tóxicas dos hemogramas do H. C.?

E a imundície do Bar? E esse Bisturi?... E a indiferença do estudante? E a apatia do estudante? E o egoísmo do estudante?

Somos os tais mesmo...

Voltemos à realidade. Tudo isso é verdade, e não há porque se envergonhar, com exceção dos 3 últimos itens, que são questão de foro íntimo de cada um.

Vamos nos unir. Vamos reconhecer esses males. Estudá-los, ver como foram solucionados em Paris, em N. York, na Indonésia. Ver o que serve dessas soluções para nós.

Consultar autoridades no assunto: Ler. Ouvir, Pensar. Usar a faculdade humana do raciocínio. Chegaremos a uma solução. Em mais ou menos tempo. Solução mais ou menos boa. Depende de nossa capacidade. E esta podemos aprimorar.

E levaremos nossa opinião aos dirigentes. Sugeriremos. Pediremos. Insistiremos. Reconhecemos nossos erros. Exigiremos se for o caso.

E tudo com a simples e única finalidade de trabalhar para viver, para viver melhor, para sobreviver... como diria Ramon y Cajal.

Pensamento do mês

O fator importante é ter a coragem de admitir os erros cometidos e a energia suficiente para corrigi-los quanto antes. Stalin

Os autores citados nos lembretes e pensamentos o são tão somente pela propriedade do pensamento transcrito, e não se subentende qualquer aplauso da Redação à filosofia, religião, ou ideologia que autor porventura professe.

A VOCÊ, COLEGA QUE CHEGOU...

Conclusão da 1ª pág.

nos, da representação do corpo discente ante a Congregação, participar das reuniões sobre Ensino Médico, contribuindo com sua experiência pessoal nas diversas matérias.

No editorial do último "BISTURI", você poderá observar a importância para o universitário destes dois polos de atividade: a Faculdade para a sua formação científica e profissional, e o Centro Acadêmico para a sua integração social e cultural.

Dêste outro complemento da carreira universitária, muito pouco posso lhe apresentar para mostrar a nossa força; além de uma má organizada greve e algumas atividades internas.

Ainda, colega, não chegamos a entender o pensamento de Carlyle: "o universitário não tem direito de queixar-se de seu país e de sua época, porque se estão maus, aí está ele para melhorá-los".

E, onde e quando seria a época mais indicada de nós tomarmos consciência de nosso poderio e presença, senão o atribulado momento que atravessam o país e o mundo?

Porisso, nosso ideal deve visar mais alto que uma simples formação profissional, porque somos o manancial de que a Nação lançará mãos para se erguer e poder olhar de frente o mundo. Lembre-se colega da advertência de Ingenieros: "Não se nasce jovem, é preciso adquirir a juventude. E sem ideal, não é possível".

Você que desde cedo vai entrar em contacto com a "DOR E SOPRIMENTO", tem a obrigação de olhar para seu compatriota que vive na miséria e ignorância. Lembre-se de que a sua formação acadêmica é devida aos pequenos esforços de muitos indivíduos que vivem no anonimato. Não suba muito alto na sua vaidade impedindo que eles lhe dirijam a palavra e saiba que se "há alegria de ser sadio e a de ser justo, há sobretudo a imensa e maravilhosa alegria de servir".

Caro colega, além desta formação extrínseca para a Faculdade e o Centro Acadêmico existe sua formação intrínseca. Existe parte de sua individualidade que não cabe aqui analisar; o tempo se encarregará de lhe mostrar até onde você acertou escolhendo a carreira médica.

Mas, você por própria imposição de seu preparo científico irá se atastando cada vez mais deste outro complemento do médico — a cultura geral e principalmente a curiosidade sobre outras atividades, que é a causa primeira de todo o saber. "Somente o ignorante não é curioso. E não desbastar a própria ignorância é como perecer em vida", acentua José Ingenieros.

Na medicina brasileira os mais ilustres médicos também fulguram em atividades literárias ou artísticas. Tivemos Miguel Couto, Manuel Osório, e mais de perto Armando Vieira e Raul Briquet, para citar somente aqueles que já não vivem.

Além de trazer um novo "modus vivendi", a cultura geral é como diz Marañón: "O jardim junto à fábrica; útil não somente para conservar o frescor do espírito, mas também para que o repouso não fique só no ócio."

Compartilhe na formação de uma biblioteca no Centro Acadêmico, tome parte no Departamento de Cultura, ampare este jornal, ingresse no grupo teatral, entre no Côro, e procure o seu aprimoramento intelectual.

Até bem pouco tempo de três coisas orgulhavam-se os alunos da Faculdade: "O trote, o show e a Mac-Med". O trote você colega, não tomou conhecimento, mas agora no segundo semestre você terá oportunidade de ver e participar do show e da MacMed. Em ambas estas atividades sua presença, sua participação, seu incentivo é importante.

No show, nós acadêmicos, dizemos "brincando" verdades a professores, entidades e medalhões. A Mac-Med já é tradicional nas disputas universitárias e acredito que representa o que Sato chamaria: "o outro fator da personalidade do homem moderno — o esporte".

Muito se espera de você caro colega para o brilhantismo destas duas festas acadêmicas. A organização da torcida uniformizada, atletas e jogadores para a Mac-Med. Artistas e fantasias para o show.

Para finalizar quero aqui transcrever algumas palavras de John Brown no seu livro: "Words to live by": Ninguém pode dizer a outro o que é a felicidade. Mas, ninguém poderá ser feliz se viver somente para si. A alegria da vida nasce da identificação com alguma coisa que considerarmos maior, mais digna, mais duradoura e mais valiosa que nós mesmos.

Os nossos semelhantes, as idéias, as coisas oferecem-nos a única libertação possível, não apenas do egoísmo, mas de toda a solidão interior e da falta de objetivos na vida. Só quem se interessa pode chegar a interessar. Merecem piedade aqueles que na vida preferem ser espectadores e não participantes dela, mas os que deliberadamente dão as costas à procissão humana são trágicos.

Felizes são aqueles que empenham tudo o que têm por um ideal."

José Knoplich

NESTE "BISTURI"

A falta de fotografias é igual à falta de espaço mais falta de verba... mais falta de fotografias.

O nosso adeus à faculdade!

Tendo em vista as despedidas da turma de 1955, Comissão de Formatura procurou organizar um programa que se estenderá por todo o ano letivo corrente. Nossa única finalidade será homenagear à altura de todos os demais colegas, professores funcionários da Faculdade (que a isso fizerem juz).

A sub-comissão Social deverá oferecer aos colegas mensalmente uma festa de confraternização em locais e dias a serem previamente anunciados.

A sub-comissão de Despedidas, por sua vez, programou jogos pitorescos, brincadeiras surpresas, além da já tradicional despedida ao Curso Médico que, este ano, deverá ser originalíssima monumental.

Quanto ao nosso Baile de Formatura, já foram reservados os salões do Club Homs e as orquestras de Silvio Mazzuca e Milani para o dia 21 de Dezembro. Além disso estamos sondando a possibilidade de usarmos um dos novos salões que estão para ser inaugurados no 2.º semestre deste ano (Ibirapuera, Paulistano, Casa de Portugal, etc.).

Para que os colegas tenham uma idéia do vulto das realizações programadas pelos doutorandos de 1955 informamos que os gastos foram orçados em 420.000 cruzeiros dispendendo cada aluno a quantia de 5.000 cruzeiros. Para atingir essa quantia a Comissão de Formatura organizou a rifa de um aparelho de rádio-vitrola-televisão no valor de 50.000 cruzeiros. Cada número custará 30,00 e para sua aquisição contamos com a preciosa colaboração de todos os colegas da Faculdade.

A Comissão de Formatura

160 calouros em 1956?

Preparem-se para lutar, colegas.

DOUTORANDO: é sua última chance de vencer uma Mac-Med. Treine.

CALOURO: não se acostume a perder; comece ganhando a Mac-Med. Treine.

Ria. Se Quiser A PRIMEIRA COISA

— Qual a primeira coisa que a Sra. faz ao dar partida? pergunta instrutor da auto-escola.
— Bater no parachoque do carro da frente — respondeu ela, sem vacilar.

INVENTOS

— O Sr. tem uma enfermidade nova.
— Que sorte, doutor. Não poderia patentear-la?

PURA POESIA

— Esta noite de lua não te fala ao coração, querida?
— Sim. Que não tens dinheiro para me levar ao cinema.

LÓGICA

— Qual foi a primeira consequência do dilúvio?
— O barro, professor.

O que nos impede muitas vezes de nos abandonarmos a um só vício é que temos muitos.

A GUARDEM!

(Ou melhor, ajudem a fazer para o próximo número)

Vultos da F.M.U.S.P.: — Focalizando um grande personagem do passado de nossa escola.

Sociais: — Um noticiário pitoresco.

Opinião dos que se formam: — As impressões de um recém-formado.

Campanhas: — Uma luta por um ideal.

Problemas de Ética Profissional: — Palavras firmes e incisivas sobre assuntos delicados do mundo periclitante da ética.

O que pensa das próximas eleições: — Uma palpitante

avant-première do pleito de 3 de outubro.

Conhecendo a Faculdade: — Você lerá coisas de que não tinha ouvido falar, e que são nada mais que Fatos... (bons e maus) dentro dos muros dessa nossa F.M.U.S.P.

A Vida: — Definições científicas, conceitos filosóficos, divagações poéticas, reflexões literárias, simples palavras... sobre o maior de todos os mistérios: «VIDA».

Tradições da F.M.U.S.P.: — Crônicas, divulgando, historietando os fatos tradicionais e pitorescos de nossa Faculdade, como a «despedida dos doutorandos», o «pindura», o «show» etc....

Clube Cultural: — Para acabar com a mediocridade da cultura geral dos estudantes... e de muitos médicos também.

Centro de Debates: — Uma Tribuna livre para todos temas

NOVATROPINA

Laboratório STEG Sintético

FILINASMA

A OPINIÃO DO PROF. MOURA CAMPOS

«Os alunos devem viver os problemas do ensino opinando sobre os mesmos...»

1) Qual o sentido da orientação posta em prática este ano sobre obrigatoriedade da pesquisa?

A obrigatoriedade da pesquisa, dentro do plano de ensino, tem várias finalidades. De um lado a de aumentar o intercâmbio entre os alunos e os professores, permitindo um conhecimento mútuo mais seguro. De outro a de ressaltar a importância da pesquisa. Os alunos devem ficar ao par das investigações em andamento nos laboratórios da Faculdade e delas participarem, quando possível, para que possam fazer um juízo mais perfeito do corpo docente. Realizando trabalhos de investigação aperfeiçoarão seus conhecimentos técnicos, adquiridos, muitas vezes, apressadamente. Pesquisando aprenderão a manejar as fontes bibliográficas, colhendo nelas as informações originais, que por vezes são deturpadas.

Compreenderão o valor inegável do binômio ensino-pesquisa, jamais negado por quem quer que seja, quando as suas palavras escritas são reproduzidas com honestidade pela imprensa que as acolhe.

2) Que acha desse fato dentro de uma reforma do Ensino Médico?

Excelente, porque traz um novo estímulo para a luta. Sempre fui apologista da pesquisa durante o curso médico. No índice bibliográfico publicado pelo Departamento de Fisiologia, em 1944, figuram algumas dezenas de trabalhos feitos por estudantes, alguns dos quais ocupam hoje cátedras nesta Faculdade e em escolas outras do País.

Os alunos devem viver todos os problemas relacionados ao ensino, opinando sobre os mesmos, porque as reformas visam melhorar a aprendizagem.

3) O professor conhece medida semelhante em outra Faculdade de Medicina do País?

Não.

4) Porque somente agora foi tomada essa iniciativa?

Esta pergunta é muito sugestiva e envolve, talvez, uma crítica. Crítica construtora. Mostra que os alunos não recebem passivamente as inovações. Desejam conhecê-las em todos os seus detalhes. E agem bem. Cabe-lhes interrogar os responsáveis pelas medidas adotadas. Não basta a razão de ser. É preciso dizer porque não vieram antes.

Acredito que dois foram os motivos dessa medida ser adotada somente agora. O primeiro, e mais importante, é o melhor entendimento, atual entre os professores das cadeiras básicas, visando dar aos cursos maior vitalidade e maior eficiência.

O segundo, também de certa relevância, repousa no melhor aparelhamento dos laboratórios. Os alunos do segundo ano médico aceitaram as sugestões porque compreenderam a sua alta significação. Tiveram ampla liberdade na escolha dos assuntos. Serão amparados de maneira constante e, estou certo, verão em breve seus esforços compensados.

Prof. F. A. de Moura Campos

ENSINO MÉDICO

A OBRIGATORIEDADE DA PESQUISA CIENTÍFICA PELO ESTUDANTE

Falam sobre o assunto os Profs. Locchi, Junqueira e Moura Campos

No atual 2.º ano, grupos de 6 alunos estão realizando nos Departamentos de Histologia, Fisiologia e Anatomia, pesquisa científica em caráter obrigatório. Procuramos, com o fim de dar maior divulgação a essa iniciativa que por certo marcará época na escola ouvir os professores das citadas cadeiras, responsáveis pela inovação. A opinião do professor Locchi sobre o assunto está consubstanciada em seu artigo sobre Ensino Médico, publicado adiante. Aos professores Moura Campos e Junqueira dirigimos uma série de perguntas, respondidas por escrito pelo primeiro e resumidas em artigo pelo segundo.

O CATEDRÁTICO DE HISTOLOGIA TEM A PALAVRA

«É indispensável ter experiência sobre as «variáveis» em medicina e sobre o significado estatístico dos resultados».

O professor Junqueira depois de nos ter respondido as mesmas perguntas numa agradável palestra que com ele mantivemos, preferiu escrever um artigo, no qual abordou o assunto da entrevista. Ei-lo:

O ESTUDANTE E A PESQUISA

A prática de investigação durante o currículo médico é ao meu ver, uma necessidade indispensável, afim de que se formem ao fim do curso, médicos que mereçam este nome. Uma vez que a medicina atual está baseada na investigação experimental é lógico que o médico adquira experiência no assunto afim de conhecer as bases da sua prática médica.

Esta necessidade é perfeitamente compreendida em países mais evoluídos onde os alunos afluem aos laboratórios de pesquisa das Cadeiras básicas ou clínicas disputando as vagas existentes.

Conhecimentos sólidos das bases experimentais de medicina, (e que só podem ser obtidos no laboratório), caracterizam o verdadeiro médico que antes de utilizar recursos terapêuticos faz uma análise das bases científicas de sua aplicação.

Caso isto não se der, estaremos diante de uma situação bastante melancólica, isto é, de um indivíduo que estudou durante quase 1/3 da sua vida para repetir bulas de produtos farmacêuticos.

A literatura médica é raramente unânime em relação aos diferentes pontos e é necessário uma

base sólida e experiência afim de separar nela o joio do trigo. A análise minuciosa de cada trabalho, sua metodologia e significância dos seus resultados, se impõe afim de que não endosseemos os erros de pessoas que, levadas por excesso de entusiasmos ou falta de preparo básico ou até mesmo desonestidade, postulam e recomendam recursos terapêuticos, indicações cirúrgicas, etc., que às vezes são inócuos, senão até mesmo prejudiciais. A falta de uma mentalidade crítica e rigorosa explica a persistência de certos recursos terapêuticos entre nós sem ação comprovada, como por exemplo a maioria das injeções antigripais utilizadas até o presente momento.

Eu poderia citar dezenas de exemplos e convém lembrar aqui os chamados remédios e as moléstias da moda.

Todos nós lembramos de uma época de uso indiscriminado e difundido de injeções de glicose e cálcio nas veias, ou então, de uma incidência extraordinária de apendicites...

Toda vez que um médico trata de um paciente está lidando com um material biológico que reage de maneira diversa de acordo com o indivíduo, e para cuja interpretação e boa compreensão é necessário experiência prévia sobre as variáveis em medicina experimental e sobre o significado estatístico dos resultados. É possível hoje em dia por meios matemáticos, relativamente simples avaliar sobre o significado, isto é, o valor real de resultados obtidos durante a experimentação.

O melhor e praticamente o único meio de compreender e utilizar a estatística é realizando investigação experimental clínica ou não.

Pelo exposto, acho que é indispensável a introdução da pesquisa no currículo médico. Cabe às Cadeiras básicas esta providência.

É preciso que se diga que em algumas cadeiras isto já se dava para um número limitado de alunos, o que precisamos porém é de uma providência que extenda oportunidade a todos os alunos e de um modo organizado e sistemático.

Quando à medida semelhante em outras faculdades o problema em países mais evoluídos já está resolvido como já acenei no início.

Entre nós conheço apenas o caso da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto que tem um dos seus Departamentos que segue esta norma. Quanto ao modo de organizar um curso sistemático neste sentido, e a sua importância e como entrosar as cadeiras do currículo básico poderei expressar-me em outra oportunidade.

Prof. L. C. Junqueira

MAIS UMA LIÇÃO DO PROF. LOCCHI

Ainda sobre o Ensino Médico

Assiste razão ao comentarista sobre o Ensino Médico no n. 70 de "O Bisturi", quando afirma que medidas imediatas não são tomadas por falta de iniciativa; direi mais, falta de continuidade de ação, de determinação sem esmoecimento. Palestras, Reuniões conjuntas de Diretores, Simpósios, Publicações se sucedem, resultando uma rica bibliografia nacional sobre o tema, com realizações muito parciais.

Há 12 anos o próprio C.A.O.C. promoveu uma sessão especial na sede da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, com amplos debates, sem ulterior consequência.

Eis porque relutei e quase não acedi ao reiterado convite dos estudantes para escrever a respeito. O que urge é ação, execução. Com esta ressalva, aqui vão mais pa-

NOSSO COMENTÁRIO

A CESAR o que é de CESAR. Nossos professores, Drs. Renato Locchi, Franklin de Moura Campos e Luís Carlos Junqueira, bem como todos que colaboraram na idealização e execução do plano de obrigatoriedade de pesquisa científica por parte do estudante merecem os mais irrestritos aplausos.

Essa iniciativa demonstra clarividência, boa-vontade e capacidade.

É um incomensurável passo, se lembrarmos todas as dificuldades a vencer, principalmente a "inércia do meio", no sentido de manter o padrão de nossa escola.

É um empreendimento que dá novas energias, que fortifica os ânimos, que alenta a ter fé nos destinos da Faculdade.

É com a mais grata satisfação, com o mais profundo reconhecimento, sem a menor intenção bajulatória, como o demonstram as críticas em outros setores, que contribuímos com esta publicação, a retirar do modesto anonimato e quase desconhecimento, esta iniciativa grandiosa.

E temos ainda a salientar com justo orgulho que foi a iniciativa dos estudantes do 1.º ano de 1954, ao se dirigirem ao prof. Locchi, tendo José Knoplich a frente, para pedir um curso sobre Métodos e Princípios de Pesquisa Científica, que animou este professor, juntamente com o Dr. Aidar a reunir os 3 Departamentos básicos da Faculdade em torno à idéia. A sua concretização, portanto, indica 2 fatores auspiciosos, especialmente, para nós, eternos "lamentadores" do descaso dos mestres e da indiferença dos jovens, e que registramos com satisfação:

— Na nossa Faculdade houve ambiente receptivo para uma idéia avançada.

— O estímulo para a realização partiu dos estudantes.

Felicitações... e avante para outras inovações progressistas!

lavras sobre alguns aspectos do problema.

As reformas podem ser totais ou parciais; locais ou gerais; radicais ou adaptativas; de emergência ou definitivas; em grau diverso de extensão e profundidade, conforme alcance o âmbito pré-universitário (pré-médico) e o pós-médico, e segundo vise o próprio método de ensino, nos seus princípios gerais pedagógicos.

REFORMAS... planos e esclerose espiritual

Em verdade, haverá periódicamente necessidade de remodelações, renovações, atualizações, decorrentes do progresso contínuo das ciências aplicadas à medicina. Ajustes parciais têm havido, no sentido da integração vertical e horizontal de matérias, modificando-se a seriação das Cadeiras. Falta porém, agir mais fundamentamente, alcançando a esfera nacional das leis de ensino superior. Sobre muitos pontos há acordo entre os entendidos, tomados individualmente, sem conjugação de esforços para execução de planos. Comodismo, acomodação, força de rotina, desinteresse ou entrechoque de interesses, menor esforço, burocracia, incompreensão, resistência passiva, desânimo, fadiga, espírito conservador, egocentrismo, hipertrofias, esclerose espiritual são alguns dos escolhos a vencer, na aplicação de modificações que estão no consenso geral.

O que já existe: todo 2.º anista faz pesquisa!

Parabens Dr. Aidar! Parabens Prof. Junqueira!

Mais prontas são as reformas locais e parciais. A última reforma deste tipo, ainda em fase experimental, da Faculdade de Medicina de São Paulo, dará, a meu ver, resultado positivo quanto ao rendimento consequente à intercorrelação do ensino das Cadeiras de Anatomia, Histologia-Embriologia e Fisiologia. A introdução de estágios nas Cadeiras de Laboratório permitirá o conhecimento do método científico de estudo da medicina, facultando aos estudantes o aprendizado, por experiência própria, de como se orientar na elucidação de um problema de laboratório ou clínico. E utilíssimo é para a formação do médico, indicar já no curso acadêmico quais os Periódicos principais das várias disciplinas, os índices bibliográficos gerais e especiais, constituindo a Bibliografia um dos elementos básicos da educação científica em Medicina. O estudante aprende a discernir Tratados de Revistas médicas, o conhecimento escolar forçosamente sumário do científico especializado mais profundo e base daquêles. Este modo de proceder é de grande alcance e marcará época na evolução do ensino da Faculdade. As primeiras reuniões dos atuais alunos do 2.º ano reforçam minha convicção.

Congratulo-me com o Dr. O. Aidar por haver sugerido (desde quando foi incluído o estágio pela reforma), a introdução da pesquisa como exercício prático obrigatório para todos os estudantes, orientados pelos assistentes; e com o Prof. L. Junqueira pelo plano aplicado em 1954, para os alunos do 2.º ano, divididos em grupos com assuntos diversos, expostos e debatidos pelos estudantes em seminários.

Supressão da prova escrita; Psicologia e Internato obrigatório

Quanto ao curso escolar propriamente, direi em resumo:

a) objetivação do ensino, atualizado e vivo, com integração adequada das matérias nos dois (Continua na página seguinte)

ENSINO MÉDICO

(Conclusão da página anterior)

sentidos e supressão de prova escrita;

b) menos tutela, mais participação ativa e "liberdade disciplinada" dos alunos;

c) favorecer e estimular a iniciativa do estudante, que não deve esquecer que "educação médica" é principalmente "self-education";

d) psicologia médica no início do curso clínico;

e) mais que artigos de regulamentos, vale o elemento humano que dirige uma cátedra, cuja formação é a primeira e melhor garantia de criteriosa orientação didático-científica da disciplina, questão que implica no conhecimento do conceito de Professor universitário, só não pacífico em meios incipientes como o nosso;

f) instituição imediata do internato obrigatório no Hospital das Clínicas: um ano em rodízio nos serviços clínicos básicos e um ano fixado numa Clínica à escolha do aluno, com exames finais e feitura de uma tese de doutoramento. Para especialização e para a cirurgia, mais um ano, com estágio em Laboratórios correlatos.

Curso Médico: 4 ou 7 anos? Uma sugestão

O último item interfere com o tempo do curso médico. Os atuais 6 anos poderão ser reduzidos, passando as clínicas especializadas para o período pós-médico; e as matérias básicas de laboratório poderão ser concentradas, desde que os alunos recém-ingressados possuam outra bagagem, facilitando e permitindo essa redução horária. Mas tudo isto sendo muito complicado para sua realização, recomendaria, como medida de emergência, sem qualquer outra modificação, a exigência de pelo menos um ano de internato (7.º ano) no Hospital, aceitando-se as tendências vocacionais de cada aluno e com plantão no Pronto Socorro. Sendo o curso na Faculdade de Medicina de São Paulo altamente oneroso para o Estado, havendo anualmente procura voluntária, para internato, de mais de 50% dos graduandos, com reais vantagens e aproveitamento para o exercício da medicina, e por outro lado, sendo o 1.º ano após o término do curso praticamente o de pura adaptação à nova vida de médico, não parece exorbitância aumentar de pronto para 7 o número de anos do curso. Do ponto de vista legal, julgo não haver maiores impedimentos, tratando-se de Faculdade Estadual, com autonomia didática (?), e por estar a exigência acima do mínimo federal de 6 anos; tratar-se-ia de uma lei estadual, aplicável somente à Universidade de São Paulo (Capital e Ribeirão Preto).

Se nos Estados Unidos o curso é de 4 anos — os estudantes ingressando com outro preparo e com método de estudo — o curso pós-médico vai de 4 a 5 anos, segundo me informam, nas melhores Universidades. Em Portugal, soube há pouco, além dos 6 anos comuns, há mais um (7.º) ano de internato obrigatório para o médico geral; mais 3 para o especialista e 5 para o cirurgião, com exame rigoroso e feitura de uma tese. O controle é feito pela Ordem dos Médicos, entidade oficial.

SR. ESTUDANTE:

O bom estudante supre, pelo seu esforço, as deficiências de todo ensino; o internato corrigirá os eventuais defeitos e falhas do atual ensino clínico e pré-clínico. Não olvidem srs. estudantes, que

o aproveitamento depende de quem ensina e de quem estuda; e que o renome de uma Faculdade é o reflexo do seu corpo docente e da atitude dos discentes, assim como dos médicos por ela graduados.

Representação dos estudantes no C.T.A.

Julgo mais útil a representação dos alunos no C.T.A. do que no Conselho Universitário, através da "Congregação dos Estudantes", em cogitação ou mesmo imediatamente. Os problemas e interesse da classe são mais sentidos e compreendidos dentro do âmbito de cada Faculdade do que naquele heterogêneo Conselho Superior, onde aliás, já há um representante dos estudantes universitários. Seu pois favorável a essa participação nas reuniões do C.T.A., como da própria Congregação.

Novas Faculdades?

Novas Faculdades médicas particulares ou oficiais, problema agudo. Em 1950 existiam no Brasil 13 Faculdades de Medicina; em 1954 o total sóbe a 25. São pois mais 12 Faculdades em 4 anos, instaladas muitas vezes apressadamente e com improvisações. Deveriam os poderes competentes exigir condições mínimas de instalação para eficiente estudo prático; biblioteca, ouvidos entendidos de Faculdades oficiais sobre o assunto; currículo de Professor proposto com prova de títulos julgada por 5 membros, catedráticos de Faculdades médicas de maior experiência do País, dentro de cada matéria; garantia de meios orçamentários, atuais e futuros, para financiamento adequado de curso objetivo, tomando-se por base o orçamento médio obtido pelo estudo das despesas de 3 Faculdades que dispõem de verbas substanciais. Ou um "limiar mínimo" estabelecido com conhecimento de causa, ou não autorizar o funcionamento de novas Escolas Médicas.

R. Locchi

NOTA: Os sub-títulos são ressaltos da Redação do Jornal.

MAC-MED

Este ano ou nunca mais. Treine. Dedique 3 horas por semana ao esporte e ganharemos a Mac-Med.

O que foi o I Congresso Nacional de Imprensa Universitária

O CERTAME NÃO PREENCHEU SUAS FINALIDADES

Sob o patrocínio da U. N. E., realizou-se de 23 a 28 de maio do ano corrente, no Distrito Federal, o 1.º Congresso Nacional de Imprensa Universitária. Teve por fim reunir representantes de Jornais e Revistas Universitárias para: 1) trocas de experiências; 2) proposição de soluções para os principais problemas.

Na Sessão Inaugural organizou-se o seguinte programa:

- A) Temário das Sessões Plenárias.
 - I. Papel Cultural da Imprensa Universitária.
 - II. Situação Econômica da Imprensa Universitária.
 - III. A Imprensa Universitária e as Reivindicações Estudantis.
 - IV. Organização e Intercâmbio da Imprensa Universitária.
- B) Visitas
 - I. As instalações de «A Última Hora».
 - II. Ao Museu Imperial de Petrópolis (não realizada).
 - C) Conferência pelo jornalista Danton Jobin, diretor do «Diário Carioca».
 - D) Ballet da Juventude (não realizado).
 - E. Exposição dos Jornais e Revistas, para concorrência a Prêmios.

A Revista de Medicina fez-se representar através do seu Secretário. «O Bisturi», infelizmente, não pôde ser representado.

Os comentários que podemos fazer são os seguintes:

A) Nas Sessões Plenárias as discussões eram teóricas e, portanto, absolutamente estereis, por faltarem aos Congressistas conhecimento amplo da situação real dos órgãos de imprensa das Escolas outras que não aquela que o orador cursava.

Na IV Sessão (que nos pareceu mais objetiva), apresentamos, em conjunto com os representantes da Escola Politécnica, uma tese procurando promover, sob um esquema regulamentado, o intercâmbio dos órgãos da Imprensa Universitária. A tese, aprovada por unanimidade, também não deu resultados práticos. C) da Conferência do jornalista D. Jobin pôde o Congresso tirar proveito. Tendo lecionado jornalismo na Universidade do Texas durante 6

O estudante que vem à Faculdade apenas para tomar nota de aulas, lembra um analfabeto diante de um livro: examina a capa, olha as figuras, mas não avalia a fortuna intelectual que tem em mãos.

meses, traçou-nos Dr. Jobin, em palavras rápidas, a importância dada ao ensino do jornalismo naquele Estado.

Todos os professores a partir dos de curso correspondente ao nosso ginásio, teem anualmente de assistir cursos especializados de técnica jornalística. Os conhecimentos adquiridos são transmitidos aos «ginásianos». Desse modo procura-se interessar já «ginásiano» pela leitura crítica dos jornais, do ponto de vista da técnica jornalística, como por exemplo:

- Técnica de redação.
- Técnica de direção.
- A arte na exposição das notícias.
- O zelo e cuidado na apresentação de notícias delicadas, como são por exemplo, os crimes e, dentre estes os sexuais, etc.
- D) A escolha dos órgãos vencedores, também não se realizou.

Conclusão: Realizado de afogadinho, Congresso não preencheu as suas finalidades. Entretanto, esperamos que tenha servido para melhores organizações futuras.

G. Modesto

NOTA DA REDAÇÃO — «O Bisturi» não pôde se fazer representar apesar de seus esforços para obtenção de verba necessária junto à Retoria, U. E. E. e C. A. O. C.

PENICIER

Nos casos em que são indicados a penicilina e as sulfamidás, como: infecções pneumocócicas, estafilocócicas, infecções pelo estroptococo hemolítico (erisipela, escarlatina, amigdalite, mastoidite, otite, etc.). Coadjuvante na meningite produzida por coco. Na cirurgia e extrações dentárias.

FÓRMULAS

ADULTO		INFANTIL	
Penicilina G. Potássica	200.000 u	Penicilina G. Potássica	100.000 "
Sulfadiazina	0,18 g	Sulfadiazina	0,09 g
Sulfamerazina	0,18 g	Sulfamerazina	0,09 g
Sulfametazina	0,18 g	Sulfametazina	0,09 g
Excipiente	0,085 g	Excipiente	0,0425g

Psicologia e modo de usar
1 comprimido de 4 em 4 horas, a critério médico

APRESENTAÇÃO

Vidros com 10 e 100 comprimidos.

LABORATÓRIO XAVIER

João Gomes Xavier & Cia. Ltda.

LABORATÓRIO

SANITAS DO BRASIL S. A.

ESTÁ APARELHADO MATERIAL E TÉCNICAMENTE PARA GARANTIR A CONSTÂNCIA DE SUAS PREPARAÇÕES

Rua D. Júlia 152
São Paulo

REFLEXÕES...

"A fé compreende o que é invisível; não está esgarçada à fraqueza dos sentidos, ultrapassa os limites da razão humana, os hábitos da natureza, a extensão da experiência. Nada há nada mais contrário à razão do que pretender, recorrendo à razão, erguer-se acima da razão; nem há nada mais contrário à fé do que recusar crêr o que a razão não pode compreender".

/ / /

"A prova da verdadeira fé e a firmeza do verdadeiro amor, não é seguir ao sol, quando ele se deixa ver claro e formoso com toda a pompa de seus raios, senão quando se nega aos olhos escondido e encoberto de nuvens". . . .

/ / /

"A fé é uma visão das coisas que não se veem".

Coletânea de
Linneu M. Linardi

ESTE BISTURI

Tem muitos defeitos. Merece muitas críticas. Nós o sabemos. Mostre o caminho para melhorá-lo. Faça você algo para que mereça elogios.

O homem ocioso é como água estagnada, corrompe-se.

Latena

Tua irritação não solucionará problema algum.

André Luis

A luta contra a rotina gera o progresso.

C. Devenat

O que temos de fazer é instruir, não proibir.

Sócrates

Nossa vida não é digna de ser levada, senão quando um ideal a enobrece.

José Ingenieros

Zé Bronquinha...

INDIFERENÇA, PREGUIÇA E CIA. LTDA.

Verificando os diversos membros que constituem uma Sociedade, logicamente vamos encontrar as mais diferentes "figurinhas" e "figurões"... Dentre os associados do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz então... há uma miscelânea espetacular, com predominância do tipo apático.

Alguns se limitam a pagar a anuidade, e isto num grande esforço de atividade, pois nem sempre é fácil encontrar o Tesoureiro... Estes, infelizmente constituem a maioria...

Outros, não pagam a anuidade ou se a pagam, é por descuido. Pensam somente no próprio bolso, única e exclusivamente, procurando ganhar dinheiro de todos os modos, economizando-o com fervor. Tenho um colega que pede folhas de fichário emprestadas desde o primeiro dia de aula do primeiro ano... A economia é a base da prosperidade!

E por fim existe a minoria, realmente constituída por UNIVERSITÁRIOS, que se interessa, gosta, realiza, trabalha pelo C. A. O. C. Encontramos os mesmos indivíduos no Show, na Mac-Med, na Diretoria, na Revista, no Bisturi ou em outros departamentos. Desdobram-se em vários setores e são bons alunos.

A maioria, porém, isto não faz, não quer saber de nada, coisíssima alguma. Parecem verdadeiras múmias, não embalsamadas!!!

Na Mac-Med, às vezes, "assistem" alguma competição, mas nem para a torcida servem, pois são laçados por caçadoras de Esmeraldas, e em vez de gritar, falam bem baixinho...

O Show??? Uma porcaria, dizem, mas geralmente não o assistem, pois a fila é muito grande... E nós que gostaríamos que eles trabalhassem no mesmo... quanta pretensão!

Colaborar no Bisturi??? Longe disso! Trabalhar para o Departamento da Criança ou Tuberculose??? Não é possível.

Dos vários departamentos mantidos pelo C. A. O. C., talvez nem os nomes dos mesmos saibam. A única coisa que sabem é andar de distintivo na lapela (êle não pesa muito), e nada mais.

Caros colegas, chega de moleza e vagabundagem. Somos mais de 400 rapazes, vamos entrar em ação! Não deixemos mais que a minoria abnegada se estalfe e represente o C. A. O. C. em todos os setores.

Cada um de nós deve tomar parte numa única atividade do Centro dividindo o trabalho, se esforçando e mostrar que realmente somos dignos de constituir e representar o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz.

Zé Bronquinha

Um Departamento em foco

A reforma da Química Fisiológica

"O Bisturi", tendo em vista os rumores de uma reforma completa do salão de aulas práticas do Departamento de Química Fisiológica, procurou ouvir o Dr. Tede Eston a respeito.

Vejamos o que nos adiantou o Dr. Eston:

A reforma do salão de aulas práticas foi planejada pela Dra. Verônica Rapp com a minha colaboração, tendo em vista a designação feita, para este fim, pelo Dr. Milton Estanislau do Amaral, docente-livre na regência do curso, substituindo o Prof. Jayme Cavalcanti que atualmente exerce as altas funções de Diretor da Faculdade de Medicina. Como podem verificar pela fotografia, as mesas de trabalho prático serão substituídas por outras de comprovada eficiência no ensino da Química. Cada grupo de 2 alunos receberá uma caixa com todo o material de trabalho, pelo qual será responsável durante o ano em curso. Desta forma, os estudantes poderão frequentar o salão também fora dos períodos normais de aula, a fim de repetir ou fazer experiências perdidas, de acordo com as suas necessidades didáticas, o que até então não era possível devido às atuais condições do salão. Os estudantes ficarão igualmente responsáveis pela conservação e limpeza do material individual e terão oportunidade de preparar pessoalmente muitos dos reativos usados, tomando assim um interesse ativo no ensino prático e assumindo a responsabilidade do seu próprio aproveitamento. As instalações serão suficientemente amplas não somente para o trabalho individualizado dos estudantes do 1.º e 2.º ano, como também de estagiários que desejem atualizar os seus conhecimentos na matéria.

Esta reforma do salão representa o coroamento da transformação pela qual passou o ensino prático de Química Fisiológica nestes últimos cinco anos, transformação esta que foi feita progressivamente pela Dra. Verônica Rapp auxiliada pelos outros Assistentes da Cadeira, dando-se a atualização e a introdução de muitas experiências novas, a renovação completa das papeletas de aula prática e a orientação diferente do quadro de chamadas, permitindo um ensino não só individualizado como também intensivo. A recente reforma do programa de ensino médico permitiu dar o máximo de desenvolvimento a estas modificações sendo que no 1.º ano os estudantes aprendem na parte prática uma série de métodos quantitativos fundamentais, tanto de Química Fisiológica como de Físico-Química, além de estudarem a composição química e as propriedades de uma variedade

de substâncias de grande interesse biológico, estudo prático este que acompanha "pari-passu" o desenvolvimento teórico da matéria. No 2.º ano médico leciona-se Radiobiologia e Metabolismo Intermediário, dando ao estudante noções modernas sobre a matéria e salientando as aplicações deste conhecimento na prática médica. O estudo teórico também aqui é acompanhado da parte prática correspondente que, com a reforma do salão, poderá igualmente ser feita em grupos de 2 alunos.

Com o conjunto de reformas que ora atinge o seu final, o Departamento de Química Fisiológica poderá propiciar um curso que nada fica a dever aos melhores ministrados em outros países.

Cumprir-me o dever de, ao terminar estas considerações, salientar o elevado espírito de cooperação de todos os companheiros do corpo docente da Cadeira, a saber: Dr. Milton Estanislau do Amaral, Dr. Névio Pimenta e Dr. Isaias Raw, bem como, e principalmente, do Prof. Jayme Cavalcanti, cujo espírito

nobre e desinteressado sempre prestou o máximo apoio às ideias novas de valor.

O fato do Prof. Cavalcanti ser refratário à inveja e discutir todas as sugestões e problemas com absoluto espírito democrático e isenção de ânimo, representa, para nós seus assistentes, extraordinário estímulo, sem o que as melhores ideias jamais teriam germinado.

Nota da redação — Este artigo foi escrito em outubro de 54, mas como não houve mais «Bisturi»... (conforme explicamos alhures)... e assunto permanece interessante...



Aspecto parcial do Salão de Aulas Práticas após a reforma, vendo-se as caixas individuais no primeiro plano e no fundo as capelas.

Cara de Anjo

DEDICADO A Nº 1

Eu sonho,
Sonho e vejo anjos,
Anjos negros, brancos anjos
E até um certo senhor Cyro dos Anjos,
Anjos com cara de gente,
Gente com cara de cuíca...
Cuíca?!

Mas... cuíca tem cara?

Cara ou corôa? Cara!
Cara de anjo,
De anjo sem óculos,
Óculos verdes como as verdes encostas,
Encostas das quais eu sei que não gostas,
E porisso me viras as costas...
Costas?!

Mas... anjo tem costas?

Se não as tem,
Onde coloca suas asas?
Asas sem «flaps», sem motor, sem jato,
Jato de água fria; não um só, muitos jatos
Cujos respingos te molham os sapatos...
Sapatos?!

Mas... anjo usa sapatos?

Se não os usa,
Onde coloca os pés?
Pés sem meias de seda, sem joanetes, sem calos
Calos ralos, sem estralos, mas calos,
Os galos não têm calos, aqueles badalos, nem os cavalos...
Cavalos?!

Mas... anjo anda à cavalo?

Se não anda,
Porque tem os cabelos em desalinho,
Em desalinho como os de quem bebesse vinho,
Vinho com toucinho, bem quentinho, como um ninho de passarinho...
Paassarinho!
Mas... passarinho tem asas.

E porisso êle vó!
Mas êsse anjo não vó,
Não vó porque ainda não tirou «brevet»
Brevemente o fârá, no Pará ou Panamá ou Macapá,
Porque aqui a licença é muito cara...
Muito cara...
Cara de Anjo.

A. J. de Menezes Montenegro.

Novidade Lafi

Moderna orientação na terapêutica da dor:

Associação B₁ + B₁₂

BITUELVE

Cada ampóla de 1 cm³ contém:

Vitamina B₁₂ 500 mcg
Vitamina B₁ 100 mg

BITUELVE — R

Cada ampóla de 2 cm³ contém:

Vitamina B₁₂ 1.000 mcg
Vitamina B₁ 100 mg

B₁ + B₁₂. — Duas vitaminas com efeitos paralelos, que se completam e se potenciam.

LABORATÓRIO FARMACÊUTICO
INTERNACIONAL S. A.

Rua Lisbôa, 890 — Fones: 80-2135 e 80-2136
São Paulo Brasil

Consultores científicos
Prof. Dr. W. BERARDINELLI & Prof. A. DE BARBIERI
Filiais ou agentes em todos os Estados

Quando saímos de São Paulo a 20 de Julho de 1955 para representarmos o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, aceitamos o encargo de fazermos para "O Bisturi" a cobertura do Congresso. Se nos parecia de início difícil, após os sete dias passados em Belém do Pará a tarefa de dar aos colegas uma idéia razoável de tudo o que lá sucedeu, torna-se praticamente impossível. Abordando aquilo que reputamos fundamental, trataremos aqui apenas de quatro pontos que não podem deixar de ser relatados.

1. Organização do Congresso

A Diretoria da União Nacional de Estudantes cujo mandato findou, falhou bastante no que diz respeito à estruturação dos trabalhos. Muitas das comissões não puderam ser imediatamente reunidas por não haver representantes da U. N. E. à hora marcada para, não só dar início aos trabalhos como também para esclarecer os membros a respeito do tipo de atividade a ser desenvolvida. As teses não foram distribuídas quando deviam sê-lo, atrasando assim os trabalhos de certas comissões importantíssimas como a de Problemas Nacionais.

No que diz respeito aos demais aspectos da organização deixamos os comentários para a ocasião mais oportuna, salientando apenas que, a nosso ver, em que pese alguns fatores negativos como falta de água, luz, alimentação precária e o desconforto das acomodações, é nosso dever ressaltar e louvar o esforço, a dedicação e o cavalheirismo dos nossos colegas da União Acadêmica Paraense que não pouparam sacrifícios no sentido de que a estadia do Brasil universitário em Belém fosse a melhor possível. Enfim, a organização do Congresso, dos males ainda foi o menor.

2. O Congresso em si

O resultado dos trabalhos das comissões foi em geral, bom. Elaboraram bem as opiniões, em ambiente de relativa harmonia. Quanto às sessões plenárias, começavam por número razoável de congressistas; por mais de uma vez terminaram por não haver "quorum" para deliberação. A parte de expediente foi gasta sempre quasi que exclusivamente com política: tomadas de posição totalmente obsoletas, acusações feitas a colegas ou a bancadas, havendo até mesmo um expediente destinado a questões assim chamadas pessoais.

Na parte da ordem do dia em que tantos assuntos de máximo interesse seriam discutidos, em que problemas seríssimos com respeito aos fatos estudantis e às posições dos estudantes em face da situação da Nação e da classe, deveriam ser profunda e exaustivamente debatidos, a presença em plenário era lamentavelmente pequena. A participação nos debates limitada a uns poucos e o nível de discussão muito superficial. Os pareceres das comissões que como já frizamos foram bastante interessantes, eram comentados apaixonadamente, geralmente de pontos de vista político-partidários. Chegou-se ao máximo quando não houve número suficiente de assinaturas para abertura da sessão extraordinária a ser convocada para a discussão da comissão do relatório da diretoria, fato digno de profunda lástima.

As obstruções foram frequentes e a falta de educação parla-

Os estudantes do Brasil reúnem-se em Belém do Pará

O XVIII CONGRESSO DA U. N. E.

Relatório de Luís C. Gaiotto, referendado por Adeloncio F. Santana

mentar só explicável em princípios. Distribuição de panfletos, lançamento de folhetins das galerias do teatro, interrupção da iluminação do recinto, também existiu; foi principalmente a contribuição dos elementos anti-comunistas da Frente da Juventude Democrática.

3. Panorama político e eleições

A bancada paulista em uma das quatro reuniões preparatórias ao Congresso da U. N. E. elaborou uma Declaração de Princípios aceita por todos os seus membros e que traçava uma linha de independência total em relação a grupos e a outros interesses que não os da classe. Tal independência dizia respeito principalmente a dois grupos: um deles era dos que defendiam os interesses do Ministério de Educação e Cultura; não seriam, portanto, aceitas quaisquer interferências do Ministério nos assuntos dos estudantes. Por outro lado a posição

possibilidades houve de se formar uma chapa independente. Até bem pouco antes de esgotar-se o prazo para o registro dos candidatos, havia a possibilidade de que a bancada do Distrito Federal lançasse um nome que encarnasse o pensamento independente. Por sinal, no caso particular, a indicação era excelente. Por motivos que não conhecemos precisamente, o nome não foi lançado e os apresentados foram: de um lado o candidato da U. N. E., apoiado pelos representantes da extrema esquerda e por alguns elementos que aceitariam em outras condições uma linha de independência. De outro, o dos ministerialistas, dos representantes da reação e de outros elementos que também aceitariam a linha de independência.

Dado este fato grande número de abstenções, votos em branco foram observados. Na nossa maneira de ver não havia de tergiversar em torno de dois nomes que absolutamente não re-

presentavam pensamento independente. Depois de análise missado entre os professores. Aliás, coletamos mais do que foi necessário e o restante revertirá em benefício do C. A. O. C. A U. E. E. procurou inclusive o Ministério da Educação que se recusou a contribuir desinteressadamente para que os representantes de São Paulo se fizessem presentes ao Congresso.

A custa de muito sacrifício conseguiu-se transportar 44 elementos para Belém. Antes da partida, no entanto, soube-se que se organizava um grupo, cujas passagens seriam pagas pelo Ministério da Educação. Este grupo apesar de ter partido antes de São Paulo chegou a Belém depois, por ter sido obrigado a fazer escalas em diversas cidades. Antes dessa chegada resolveu-se em reunião de bancada que seriam ouvidos aqueles elementos logo que viessem ter à capital do Pará para que explicassem sua posição; se necessário, enérgicas medidas seriam

tomadas. Chegados a Belém foram eles ouvidos em reuniões de bancada que se estenderam por umas breves considerações a respeito do fato:

a) Houve falha ética das mais graves quando não se comunicou o fato à nossa entidade de classe. Ainda que a U. E. E. tivesse firmado que todo aquele representante que se conseguisse locomover até Belém seria muito bem recebido, não é aceitável que se organize um grupo à revelia da U. E. E., mórmente considerando-se que havia possibilidade de se comunicar o fato a ela.

b) É contristador que enquanto o máximo dos esforços estão sendo envidados junto ao Ministério pela entidade de classe sem nada conseguir, colegas filiados à mesma entidade aceitem tais benefícios.

c) Enquanto a classe universitária esbanja energias levantando sua voz moça contra a malversação dos bens públicos há colegas que aceitam favores conseguidos através de conversações entre políticos; e com que direito usa o Ministério o dinheiro público para atender a indivíduos que não têm mandato legado por seus pares, quando recusou aqueles que o têm?

d) Foge à nossa compreensão que certos indivíduos cheguem a Belém dizendo estar empenhados na luta pela unidade quando premeditadamente acordam em mentir aos colegas com quem iriam batalhar. É imperdoável tal desrespeito à entidade de classe e à classe em si. Importa ressaltar ainda que nem todos conheciam a origem das passagens e que se conhecessem, possivelmente não as aceitariam.

Posta tal situação, propunha-se de um lado que todos os elementos vindos graças às passagens fornecidas pelo Ministério, fossem expulsos da bancada, de outro que todos fossem aceitos. Pensou-se em inúmeras formas conciliatórias, propostas foram feitas e rejeitadas entre grupos. Questionou-se a respeito de quem deveria votar sobre o problema. Depois de muita pendência nomeou-se uma comissão de 3 membros que não chegou a um único parecer. Apesar de ter sido tentada ao máximo a conciliação esta não foi possível, pois a querela foi colocada em termos de grupo e assim sendo o resultado de tudo foi a dissolução oficial da bancada paulista. Tal fato, sem precedentes, representa nódoa irremovível nas tradições universitárias de São Paulo.

Eis aí alguns aspectos do XVIII Congresso da UNE. Um Congresso feio, mas salvo ainda pelos contatos humanos valiosíssimos que proporcionou. Todos esses fatos, menos que uma justificativa para o desânimo e o abandono, são um apêlo e uma imposição a todos aqueles que aspiram por uma classe universitária unida em torno de seus princípios e legítimas reivindicações.

Porque admiramos os grandes homens que aliam cultura e ciência, literatura e esporte, filosofia e vida emotiva, numa EXISTÊNCIA SUPERIOR, e não os imitadores?

O BISTURI vive de propaganda; consiga-a e ganhe dinheiro.

Laboratório Clímax S/A

Rua Joaquim Távora, 541-780

FONES: { 70-3434
70-3625
70-3614
7-5183

SÃO PAULO

Rua Evaristo da Veiga, 101

FONE: 42-3477

RIO DE JANEIRO

de independência referia-se também à Diretoria da U. N. E. devendo ser a crítica à gestão passada feita independentemente de qualquer oposição ou ligação à Diretoria da Entidade. Este último grupo que ficou sendo conhecido como o da situação contam com o apoio integral dos elementos comunistas. Aquêles outro foi identificado como o dos ministerialistas. O movimento de independência na questão sucessória foi esboçado já por ocasião das reuniões dos presidentes das U. E. E. pouco antes do Congresso, assim constituindo-se uma frente independente. Mais tarde, já em Belém verificou-se que dessa frente faziam parte elementos da Diretoria da U. N. E. que não chegavam a justificar a sua presença alegando que participavam dos mesmos ideais da frente, mas não fugiriam aos compromissos firmados com a situação. Tal acontecendo, em uma das reuniões da bancada de São Paulo, firmou-se a posição de, se necessário, marchar nosso Estado sozinho seguindo as diretrizes estabelecidas pela declaração de princípios, no que com toda a certeza seria acompanhado por algumas bancadas, e determinadas alas de outras. Infelizmente os acontecimentos verificados com nossa representação impediram que tal sucedesse. Agora esta, muitas outras

nuciosa da situação chegámos à conclusão de que a única posição de consciência e compatível com as tradições de honestidade e desassombro do C. A. O. C. seria a abstenção. Jamais pactuaríamos com grupos de qualquer natureza. Diga-se de passagem que esta foi a posição dos elementos que se mostraram realmente independentes no Congresso.

Como é do conhecimento geral, foi vitoriosa a chapa encabeçada pelo colega Veloso, de Pernambuco.

4. Bancada paulista

Para nós universitários paulistas foi o episódio mais triste e digno de lástima que marcou o XVIII Congresso da U. N. E. Os fatos são muitos, longa é a história; tentaremos resumí-la:

As dificuldades que encontrou a U. E. E. paulista para transportar membros de São Paulo a Belém foram gigantescas. Conseguiu um abatimento considerável nas passagens, arranjou algum dinheiro mas o restante ficou a cargo dos centros acadêmicos arranjar. Alguns representantes tiraram dinheiro do próprio bolso e no nosso Centro conseguimos cobrir as despesas através de um livro de ouro muitas horas, em que se procedeu às mais acaloradas dis-

cussões, em que a má fé e a mentira andaram à solta e que revelou o seguinte:

1.º) Os elementos que foram ao Congresso, às expensas do Ministério da Educação eram chefiados por dois elementos não titulares do Centro Acadêmico XXII de Agosto e visavam tomar posição anti-comunista, pois segundo informações colhidas, achavam eles que as atividades da Diretoria da nossa U. E. E. eram por demais marcadas por elementos vermelhos. A nosso ver teria sido esta a justificativa dada ao Ministério para que fossem concedidas as passagens.

2.º) As passagens foram concedidas através de um líder acadêmico, amigo de um certo político de influência no Ministério.

3.º) Houve por parte dos organizadores a intenção de esconder aos convidados a origem das passagens. Como alguns deles chegassem a ter dela conhecimento, foi assentado, então, que se ocultaria a todos os demais colegas esta mesma origem. Graças a tal combinação usou-se e abusou-se da mentira no seio da bancada.

Muito poderia ter dito ainda, mas limitar-nos-emos a fazer a

O PROBLEMA DO AUMENTO DAS VAGAS

O problema do aumento de vagas, para nossa faculdade, ainda não está ultrapassado. O novo projeto do já insistente deputado Hilário Tortoni, está andando pela Assembléia Legislativa do Estado, com reais possibilidades de se tornar lei. E constituindo, por isso mesmo, um perigo real ao ensino médico de São Paulo e do Brasil.

O deputado Hilário Tortoni, embora médico e professor primário, parece alheio aos reais problemas do ensino. Parece desconhecer as causas do fenômeno vestibular; parece desconhecer as finalidades com que foi fundada esta faculdade de medicina; e parece desconhecer, ainda, que é alguma coisa mais séria aumentar-se o número de vagas para tal tipo de faculdade, em confronto com faculdades de direito, letras, etc.

O problema do ensino no Brasil evidencia-se muito particularmente no vestibular; mas não se localiza nele. É preciso de que lembre o deputado Hilário Tortoni, que não se trata de transformar em médicos os mal preparados alunos que chegam — em avalanche — ao vestibular. Mas o problema real, nós o vemos num ensino falho em todo sua ordenação, a partir das primeiras letras aos cursos universitários. E achamos impossível que o deputado em foco não tenha ouvido nunca falar da precariedade dos nossos cursos de grau médio.

Se o deputado Hilário Tortoni tem mesmo um empenho em resolver tão importantes problemas, volte seus olhos a tantos e tantos estabelecimentos secundários, fábricas de diplomas e de candidatos às escolas superiores.

Convimos que o problema do ensino é realmente sério. E o nosso quinhão na resolução do mesmo, deve estar na resistência a opor a projetos — como o atual — inobjetivamente preparados, cuja finalidade não conseguimos claramente apreender, e que, se postos em vigor, nada mais farão do que tornar o ensino ainda menos razoável.

Resolver humanamente o problema dos vestibulandos mal sucedidos não deve significar ações precipitadas, arroubos mais ou menos levianos em busca de soluções esquemáticas, em torno de problemas nem sempre suficiente conhecidos.

Se o ensino não vai bem, não tem sentido aceitarmos soluções improvisadas e que, sem dúvida, virão comprometê-lo ainda mais. Daí a necessidade de tomarmos todos posição, já que o insistente deputado não tem querido aceitar a advertência que há muito lhe deve ter sido feita. A advertência que voltamos a fazer agora: seriedade, deputado Hilário Tortoni.

J. Crispim Noronha

O que foi a Inter-Med Cultural

A representação de nossa Faculdade em Belo Horizonte

Antes de mostrar aos colegas o que de concreto, foi realizado neste setor da Inter-Med Nacional, sentimos-nos obrigados a esclarecer a participação que teve o D. C. no preparo de nossa delegação científica, que soube tão bem elevar o nome de nossa Faculdade no Congresso de Belo Horizonte.

Quando consultados pelo colega Tomaz Antônio Rezende sobre a participação de nossa Faculdade no conclave esportivo-cultural realizado em março último, a nossa resposta foi categórica e positiva, pois sabíamos, de antemão, que a máxima boa vontade iríamos encontrar entre os colegas para manter viva a chama que nossos antepassados acenderam em reuniões similares. Assim que recebemos os temas a serem debatidos, publicamos no quadro de aviso do D. C. comunicamos pessoalmente a vários colegas. Muitos foram os que se interessaram nos procuraram pedindo esclarecimento sobre a Organização e funcionamento do Congresso. Infelizmente só agora podemos dar esta resposta com exatidão. Deixamos de responder naquela época porque realmente nada nos havia sido comunicado.

Por várias vezes solicitamos ao Organizador da Inter-Med uma palavra definitiva a respeito para que pudessemos preparar nossos trabalhos. Sem querer culpá-lo diretamente por esse impasse surgido, pois trabalhava sozinho na Organização, queremos apenas lamentar que a única afirmação que nos veio foi quando faltava uma semana para partirmos. E qual foi? Possivelmente teremos Debates! Os nossos «cientistas» que todos os dias nos consultavam para melhor estudar e preparar trabalhos sobre os temas, a essa altura não poderiam mais dar sua contribuição pessoal com um trabalho científico, dada a premência do tempo e a alta complexidade dos temas. Cobia-nos apenas, em tempo tão restrito, dar o máximo de nossos esforços para colocarmos-nos a par do assunto, esperando uma oportunidade para comentar ou debater, caso fosse certame sob a forma de Debates. E assim sucedeu. Vê-se por aí que a seleção de trabalhos que tínhamos a intenção de fazer não pôde ser feita. Pedimos então a vários colegas que avisassem em suas turmas como seriam os preparativos. Com esse trabalho assim em afogadilho, conseguimos formar um grupo interessado. Com a valiosa colaboração e orientação do Prof. Cintra e seus assistentes, que sinceramente agradecemos, foi possível, mercê de esforço imedido, o preparo de nossa delegação científica, assim composta: Henrique Walter Pinotti, Gerhard Malnic, Ewaldo H. de Mello, Pedro Britto Neto, Wilhelm Kenzler, Renato Deveza Frederico, Anoy Castro Cordeiro e o colega que lhes escreve.

Chegando lá participamos da Sessão de Abertura da parte cultural. Viu-se ainda mais que não existia organização alguma e nem sequer um programa. Por conversa com componentes de outras Faculdades presentes, soubemos que alguns haviam levado trabalhos. Fomos então encarregados de reunir os vários representantes das diversas Faculdades para marcar uma sessão onde fosse dada a oportunidade para que apresentassem seus trabalhos.

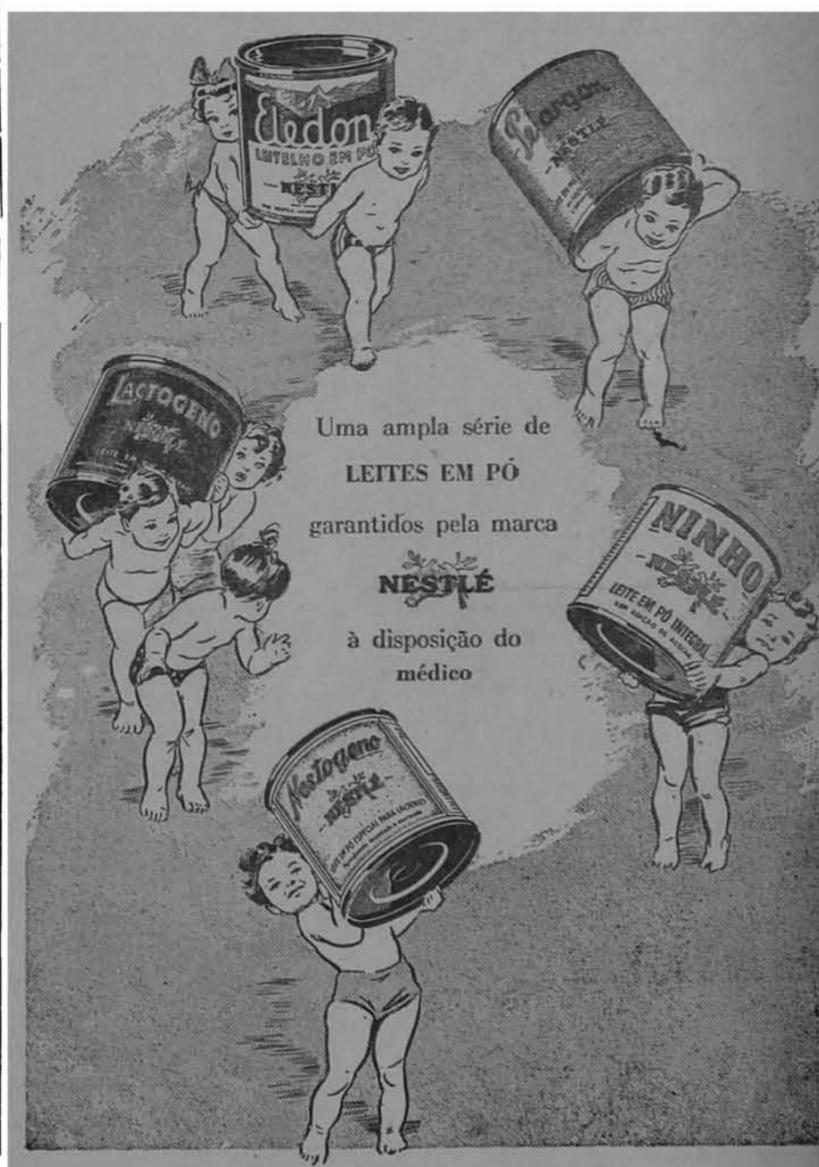
Apesar das dificuldades surgidas conseguimos reunir um número pequeno de congressistas, para ouvir a palavra dos colegas Leon (Per-

nambuco) e Jorge (R. G. do Sul), sobre Coma Diabético. O colega Malnic fez comentários sobre trabalho do primeiro nós do segundo tendo participado também da reunião o colega Britto. Em outra reunião, que foi última marcada para elaborar Organização, apesar de sermos o único da Faculdade presente à reunião apresentamos um ante-projeto de Regimento que foi discutido e aprovado em todos os seus itens com alguns acréscimos. Este Regimento estará afixado durante todo o segundo semestre no quadro de aviso do D. C. Não podemos deixar de agradecer o apoio que nos foi dado nessa reunião pelo colega Zahli da Escola Paulista e demais componentes de sua delegação, o que facilitou muito o nosso trabalho de apresentação do ante-projeto.

Veem os colegas, pelo exposto, que a delegação de nossa Faculdade teve sua presença marcada em todas as sessões e se a parte científica ficou pela falta de organização, lá trabalhamos com afinco e deixamos nossa capacidade de trabalho evidente procurando suprir as falhas encontradas, inclusive elaborando um ante-projeto de Regimento Interno.

Parabens, pois, colegas congressistas o eterno agradecimento do D. C. que estará sempre de braços abertos esperando-os para abrilhantar elevar o nome desta Faculdade que será tanto maior quanto mais vocês derem a ela tudo o que sabem e podem.

Dacilo Montans
Secretário do D. C.



INFILTRAÇÃO GORDUROSA

AÇÃO PREVENTIVA CONTRA A
ARTERIOESCLEROSE

HEPATOCAICO Labor

NAS INSUFICIÊNCIAS HEPÁTICAS

LABORTERAPICA S. A.
(Uma instituição apoiada na confiança de milhões)
SANTO AMARO SÃO PAULO

Garça Branca

Garça branca, pensativa e silenciosa,
Que num charco azul eu a encontrei um dia,
Refletindo n'água a imagem vaporosa
Do perfil longo que o ar adornava...

Em que pensa a triste garça solitária,
Quando a tarde no ocaso vai escondendo
Sua loura trança na noite imaginária,
Que os anjos de Deus em prantos vão tecendo?

E quando no céu a estrela vespertina
Vela a longa noite em lívida balada,
A garça branca por sobre o charco empina
O colo branco, olhando as trevas... e o nada!...

O poeta é assim igual à garça triste,
Pois no charco deste mundo sempre ousa
Ir procurando no nada — o que existe,
E a perceber nas trevas — alguma cousa!

FERNANDO ISIDORO TADDEO

"Vamos dar uma nota aos professores"

→ Conclusão da últ. pág.

O curso prático, pelo que se tem observado, não têm agrado às turmas que passaram e passam pela fisiologia. Com raras exceções são absolutamente desinteressantes e sem a objetividade que seria de se desejar. Ao lado das experiências em sapos e ratos, algumas realmente demonstrativas, não seria aconselhável uma orientação que viesse dar aos alunos bases para as matérias do hospital? Sabemos, por exemplo, de filmes que evidenciam o funcionamento de órgãos, como estômago, coração, pulmões, etc. Seria muito menos árido, por exemplo, estudarmos o trajeto dos alimentos se tivéssemos tido a oportunidade de ver filmes onde os movimentos complexos da deglutição, por exemplos, nos fossem dissecados na tela. E nunca vimos um desses filmes. E nunca vimos uma radiografia sequer; nem uma operação radioscópica. E passávamos nossas aulas práticas dizendo — exclamações de desespero, quando víamos nossas «curvas isotônicas» nunca darem certo. Não sei se o argumento de que nós, saídos da fisiologia, nunca mais vamos ter contacto com estas coisas é suficientemente forte para nos fixarmos por dois anos, numa fisiologia que, evidentemente, não é a que interessa ao médico.

Química: deste curso não temos muito a dizer. O teórico, em sua quasi totalidade, é destituído de interesse, por ser uma recapitulação, um tanto resumida, do que estudamos nos tempos de vestibular. Quanto às aulas, em si, algu-

mas são boas e outras más, ou ainda pior que isso, na opinião da turma. As aulas práticas, como já dissemos, são muito preparadas, e merecem, por parte da turma, a nota 8,5. E dispensam maiores comentários.

Histologia: o orientação geral do curso nos parece bastante razoável. O critério de haver uma aula teórica precedente e preparando a aula prática, tal como se faz em Anatomia Patológica, parece realmente o melhor para tais tipos de matérias. Contudo, as aulas teóricas nunca chegaram a convencer, o que é demonstrado pelo nível medíocre das notas dadas. Não sabemos bem porque aquelas aulas eram tão «abagunçadas». Apenas constatamos isso. Talvez seja um fator importante o tipo de anfiteatro que favorece em demasia a dispersão da tão facilmente dispersível atenção da turma.

Ainda com relação a esse departamento, queremos salientar o afastamento entre o professor e os alunos (isso apenas afirmamos baseados no curso do 1.º ano, dado ao atual 3.º ano. Parece que houve uma melhora nesse sentido no ano passado). Esse afastamento, aliás, se tem feito notar, também em relação a outros catedráticos. Dos professores do 1.º ano o que se mostrou mais acessível foi o professor Franklin de Moura Campos; e isso nos dá muitas esperanças no sentido de que ele, compreendendo a boa vontade que vão em nossas críticas, faça algo por tornar menos nebulosas as nossas iniciações em semiologia.

"PARA MIM FOI MÃ A NOMEAÇÃO"

(Conclusão da ult. pag.)

um pouco maior que a do Dis-uma lei sociológica: "A vida do indivíduo tem três períodos: 1.º Até os vinte anos está em formação sociológica e cultural, quando é um aprendiz. 2.º Dos vinte aos quarenta — trabalha para produzir e restituir o que antes consumiu. 3.º Dos quarenta em diante — trabalha para a coletividade, para os melhoramentos sociais, para os inválidos e os que não têm capacidade de produzir mais.

Mas a média de vida no Brasil é de 40 anos, daí...

ENSINO MÉDICO

"Existem planos para a melhoria do ensino em nossas faculdades" Pretende a Reitoria, como já fizeram a Universidade da Bahia, Paraná, pesquisar vários itens nas Faculdades, referentes às aulas, professores e alunos, para posteriores planos.

Qual a responsabilidade do professor nas aulas? E do assistente? O aluno participa ativamente das mesmas? Quais os professores que não dão aulas? Este será mais ou menos o teor das perguntas:

Este inquérito deverá ser feito em nossa Faculdade, afirmou

o Reitor. Portanto professores, à postos, pelo menos este ano.

CIÊNCIA E CRENÇA.

Esta é a dúvida milenar do cientista: a resolução do problema religioso. O Prof. Alípio Correa Netto resolveu assim: "Não existe incompatibilidade entre ciência e crença. A crença é um fenômeno afetivo, emotivo. A ciência é raciocínio. São duas coisas diferentes. O meu orientador espiritual é o Cardeal Motá, com quem nunca discuto".

UM CONSELHO

"Um estudante que ingressa numa Faculdade de Medicina, eu aconselharia: Estude muito bem as matérias básicas; depois se aplique na Propedêutica, e só depois procure a sua especialização"

Esta foi a tentativa para reproduzir a conversa que o Reitor conosco manteve. Muitas idéias, muitos argumentos, foram simplesmente esboçados, mas acreditamos que aí fica um retrato a 3x4 do novo Reitor.

J. Knoplich e J. Maia

MANIA DE DIREITOS

Direito é a Liberdade de cumprir os deveres...

Já vem de outras épocas próximas à nossa, a mentalidade interessante de se pôr a noção dos direitos acima e antes de qualquer coisa.

O próprio conceito do direito, hoje em dia é premissa constante para qualquer conclusão a que se queira chegar.

Fala-se nos direitos das classes, nos direitos do povo, as próprias mulheres se batem pela aquisição de uma porção de direitos, entim, por todos os lugares a reivindicação de direitos se faz notar com as mais variadas razões.

Em nosso próprio meio estudantil muitas atitudes em relação a diversos problemas, logo encontram sua justificação numa série de direitos ditos inalienáveis, etc., etc...

Perguntamos agora: e a noção dos deveres?

Um sinal da falsa colocação da ordem das coisas, da hipertrofia de certas tendências é a passagem e superposição da mentalidade do dever para a mentalidade do direito.

Tal inversão de valores constituiu o próprio domínio de uma visão burguesa das coisas.

Assim, é mais cômodo somente arrogar-se na posse de uns tantos direitos, muitas vezes já adquiridos por outras gerações, do que preencher as horas diárias com um senso exato do dever, que justifique aqueles direitos reclamados.

Nota-se, enfim, com essa tendência, a construção de uma barreira em torno do indivíduo, com uma obstrução por vezes enorme da responsabilidade que lhe cabe dentro do quadro do bem comum.

Quantas greves não são levadas a efeito neste mundo afora, pela simples alegação de direitos sem que se tenham antes pesquisado o exato cumprimento de certos deveres?

Quantas belas reivindicações enriquecidas pela retórica, são feitas sem se atender para os deveres que estas próprias reivindicações acarretariam?

As enumerações poderiam ir mais longe ainda para demonstrar até que ponto essa inconsciência dos valores se arraigou em muitas mentalidades.

Giuseppe Toniolo é categórico em afirmar que "o direito não é senão a faculdade irrefragável que possui a pessoa humana de não ser impedida e mesmo de ser ajudada no cumprimento dos próprios deveres e portanto, na obtenção dos próprios fins."

Aliás, o cristianismo sempre foi pródigo em mostrar este aspecto da ordem social.

A própria moral católica, segundo Schilling só conhece um ideal objetivo: a Caritas.

E a caridade é antes de tudo o dever para com o próximo.

Tudo isso, porém, fica relegado a um plano de quase ignorância.

O que se vê é a invocação constante de direitos positivos, sem deveres morais correspondentes a serem realizados.

Qualquer profissional que apanhássemos a êsmo na rua hoje em dia, por certo nos enumeraria uma infinidade de direitos que possui para exercício de sua profissão, mas quanto a seus deveres em relação a essa mesma profissão, não conseguiria relacioná-los em quantidade suficiente nem para igualar a lista dos direitos.

um de nós cabe, como base para o estabelecimento e continuação de uma ordem social sólida de que tanto necessitamos hoje em dia.

Os direitos nos virão à medida que nos mostramos capacitados a cumprir nosos deveres e a resolver nosos próprios problemas.

Nesta fase da vida, em que temos tantos projetos arrojados em mente, cumpre notar que de nada adianta querermos notar que de nada adianta querermos reformar o mundo sem antes reformar a nós mesmos dentro de

É esta uma situação de fato, que qualquer um poderá verificar.

Perguntar-nos-ão agora: E daí?...

Esta situação também toca a nós estudantes.

Estamos hoje em preparação para uma vida profissional. Atualmente integramos à nossa personalidade todos os elementos que nos vêm desde as explicações didáticas até aqueles fatos que recebemos do meio exterior.

Assim sendo, é preciso que tenhamos exata consciência desses fatores que virão mear nossa personalidade e que os integremos dentro de uma ordem sã e concreta.

É enfim a aquisição da noção plena dos deveres que a cada uma exata consciência da ordem das coisas, dos nosos deveres.

Sem isso, tudo o que tentarmos fazer estará ameaçado de um dia cair de podre.

Odilon de Melo Franco Filho

TEATRO UNIVERSITÁRIO

Estão de parabens os colegas José Knoplich, Lineu Maia e Natal Sartoretto (da FMUSP) e Luis Carlos Costa (da FAU). Eis que viram coroados de êxito os trabalhos que encetaram, sob a orientação do crítico Décio de Almeida Prado, em prol da criação do Teatro Universitário, subordinado ao Departamento Cultural da Reitoria.

Assim é que recente ato do senhor Governador do Estado comissionou junto à Reitoria o ator e diretor Rui Afonso, que pelo prazo de um ano se encarregará de organização e direção do Teatro Universitário.

Mais uma grande conquista dos universitários paulistas, que por certo encontrará em nossa escola o apoio dos apreciadores da arte cênica.

Gráfica Editôra Linotype

LIVROS — JORNAIS — REVISTAS

CELSO MESQUITA LEITE

Rua Mem de Sá, 172 - Tel. 32-43-48 - São Paulo



VOCE SABIA QUE... O resfriado comum é, provavelmente, uma das doenças há mais tempo conhecidas pelo homem. A ciência vem procurando encontrar sua causa há pelo menos 2.000 anos. * Nenhum deputado do Supremo Soviete jamais votou um «não» a qualquer proposta do governo. * As Fabulas de Esopo foram passadas de boca em boca durante 300 anos antes que alguém se lembrasse de passá-las para um pergaminho em 320 AC. Elas eram conhecidas em todos os países do mundo.

CAMPANHAS

Liga de Combate à Febre Reumática

Pense naquele moço de 20 anos, cardíaco, mitral, reumático, semi-invalído que existe em toda enfermaria do H. C.

Vai se submeter à delicada intervenção. Felizmente. Outros voltam para casa sem merecer a indicação cirúrgica.

Pense no futuro daquele moço. Ele como indivíduo. Ele como membro de família. Como membro da Sociedade.

Pense que se aquelas «dores no joelho» aos 13 anos, não fossem tratadas com «água e vinagre» ou com benzoduras...

Se aquelas «dores de crescimento» fossem reconhecidas...

Lembre-se da aula de Febre Reumática...

Algumas provas: hemossedimentação, Weilmann, estreptolisinas... o diagnóstico.

Repouso, penicilina... a cura... e a grande chance de não ter lesão cardíaca.

Mas quem sabe disso? Nem mesmo todos os médicos...

Pergunte ao prático geral, nos bairros, no interior... mesmo aqui no H. C. você encontrará ignorância.

Mas se é tão grave, se é curável, se conhecemos os elementos de profilaxia eficiente, e se quase ninguém sabe disso, se somos estudantes de Medicina, moços idealistas, ávidos de fazer o bem, de aprender, de realizar... que lhe ocorre? Não será...

A Liga de Combate à Febre Reumática?

Para quê?

Para dar divulgação aos meios de reconhecimento e profilaxia dos surtos iniciais da doença, através de palestras, artigos, reportagens, folhetos, filmes para os escolares, as mães, os professores... os próprios médicos.

Para atender a população diagnosticando e tratando os casos em Ambulatório, promovendo internação quando necessária, fornecendo os medicamentos, se possível.

Para promover o estudo por meio de cursos, conferências, prêmios, pesquisas.

Tudo isso já está esquematizado, está em planificação, já mereceu aprovação do Prof. L. V. Décourt (cujo curso foi inspirador da idéia), que ofereceu seu ambulatório e sua orientação científica. Também já foi aprovado pelo presidente do C. A. O. C., que se dispõe fornecer uma verba inicial.

Mas para fazer «coisa que presta», (e só isto interessa), é preciso trabalho, muito trabalho.

Estudar em primeiro lugar. Planificar tudo direitinho. Arranjar dinheiro. Começar a funcionar. Ir melhorando progressivamente. Até formar um centro de assistência e profilaxia à Febre Reumática, que será lembrado daqui há 10 anos quando as enfermarias não estiverem mais apinhadas de «mitrais» e «aórticos» vítimas da Febre Reumática, não tratada e não diagnosticada.

E' trabalho para «gente grande». Você quer ajudar?

Willy Kenzler

Como vai o C A O C

Departamento Científico

Pretendíamos através desta seção levar ao conhecimento dos colegas o trabalho que vem sendo realizado nas várias dependências do C. A. O. C., baseado nos relatórios apresentados por seus diretores sob solicitação do «Bisturi».

A julgar, porém, pelo que sucedeu, poderemos responder à pergunta que dá título a estas linhas, da seguinte maneira: «O C. A. O. C. vai mal, obrigado». Isto porque, as nossas solicitações não encontraram eco nos responsáveis pelos relatórios.

Alguns nem tomaram a iniciativa. Por certo estão aguardando um convite honroso da redação do jornal. De outros, a quem pedimos, recebemos até agora só promessas. Poucos atenderam efetivamente nosso apelo em relação aos relatórios. A estes os nossos agradecimentos e aqui vai o que podemos dizer baseados no que recebemos:

Liga de Combate à Tuberculose

Esta liga está agora dotada de personalidade jurídica e associada à «FELASP», Federação de Entidades de Luta Antituberculosa.

Tem desenvolvido seus trabalhos no campo das campanhas educativas visando à profilaxia do mal físico e coordenando atividades com as demais instituições de combate à tuberculose no Estado de S. Paulo.

Temos ainda a destacar que a Liga está em condições de conseguir visitas mesmo estágios nos dife-

rentes hospitais de tuberculosos mantidos por entidades particulares na capital interior (inclusive no «Sanatorinhos» aos colegas que assim desajarem. Está bem, portanto.

Tesouraria do C. A. O. C.

Do relatório da Tesouraria do C. A. O. C. temos a salientar que o primeiro seestre encerrou-se com um saldo favorável de Cr\$ 184.591,30. A Tesouraria contribuiu nesse tempo com várias quantias destinadas a auxílio aos seguintes órgãos do C. A. O. C.: Associação Atlética, Departamento de Publicações Liga de Combate à Sífilis.

Destacamos ainda os seguintes tópicos do relatório da Tesouraria.

1. O Curso «Oswaldo Cruz» não tem contribuído à Tesouraria por estar amortizando os prejuízos sofridos no ano passado.

2. A Tesouraria pede aos colegas devedores que saldem suas dívidas com o Centro mais urgente possível.

3. Quatro patronesses do baile «Noite de Maio» ainda não acertaram as contas com a Tesouraria, o que é necessário que se faça o quanto antes.

Departamento Científico

Foi-nos dado a conhecer um relatório que infelizmente não está atualizado.

Até Abril, que é o período até o qual se reporta o relatório, o D. C. patrocinou organizou 10 cursos. Também foi de sua iniciativa a criação do Departamento de Publicações, que já está em funcionamento, com direção própria.

Trata ainda o D. C. da participação dos colegas desta Faculdade na IX Semana de Debates Científicos que este ano se realizará na Bahia. Para isso ainda aguarda novos trabalhos dos colegas interessados.

Liga de Combate à Sífilis

Recebemos do colega Ruy Yamashita um extenso histórico da Liga e seu atual «motus vivendi». Devido ao problema da falta de espaço não poderemos transcrevê-lo na íntegra, como era nosso desejo.

Com a notícia aos colegas de que a Liga de Combate à Sífilis está funcionando devidamente, deixamos aqui nossa promessa da publicação futura daquele relato sob o título: Instituições da F. M. U. S. P.

Terapêutica Ocupacional

Você sabia que em novembro de 1954 foi iniciado no H.C. um Serviço de Terapêutica Ocupacional?

Trata-se de um serviço de reabilitação e recreação que está funcionando atualmente, em 2 pequenas salas do 3.º andar do H.C. Apesar de muito novo, já recebeu o apóio e a cooperação de muita gente: do Serviço Social ao qual está intimamente ligado, do Prof. Pupo e dos médicos da Dermato, de alguns colegas nossos e de muitas senhoras de boa vontade que trabalham como voluntárias.

Você com certeza já reparou num uniforme novo que apareceu no H.C.: avental cinza com distintivo no braço. E' o uniforme das voluntárias do S.T.O. que vêm distrair os doentes, ensinar trabalhos, distribuir livros e fazer um milhão de outras coisinhas boas...

O S.T.O. compreende 2 setores: recreativo e de trabalho. O recreativo funciona graças a uma biblioteca de 633 livros dos quais quase metade foi reunida pela Wanda Sonda, alguns jogos, revistas, uma vitrola e 50 discos. O setor de trabalho tem 2 facetas: distração e recuperação do paciente. Mantém o doente ocupado com pequenos trabalhos para evitar que ele se deixe invadir pelo desânimo e procura, por meio de trabalhos adequados, a sua reabilitação física e o preparo para nova profissão quando for necessário.

Todo o trabalho dos pacientes é canalizado em benefício do hospital, do S.T.O. ou do próprio paciente.

Está aí, portanto, onde você estuda e trabalha, um serviço altamente humano que merece a sua visita e o seu apóio. Veja o que você pode fazer por ele.

W. E. N.

PARODIAS DE ONTEM E DE HOJE

Como é que pode ?

Por SOMBRINHA (do 2º ano)

Doutor em ping-pong, sinuca e bilhar,
Também vivo fazendo hora lá no bar,
Na sala de dormir eu sempre estou lá dentro,
Troquei a luz das anlas pela luz do Centro.

Agora estou p'ra sempre contra a anatomia,
Nos dez mais vagabundos eu estou também,
Até em palitinho eu me saio bem,
Decididamente eu sou gente bem.

Enquanto, ó Torrador, o «testut» maltratas,
Eu vou ganhando tempo junto das mulatas.
Ditinhas e Justinas falam bem de mim,
Viver com essa folga não é tão ruim assim.

E se alguém pergunta como é que pode,
Passar sem estudar tirando sempre um,
Eu dou uma virada consigo mais um ponto,
Como é que pode? depois eu conto.

Com música de «Café Society»

ESPORTES - MAC - MED, INTER - MED

Na 1.ª semana de outubro deverá realizar-se a XXI MAC-MED, quando mais uma vez deveremos medir fôrça com o Mackenzie procurando vencer com dedicação e entusiasmo.

Os departamentos da A.A.A.O.C. estão iniciando a derradeira fase de treinamento, tendo intenção de aproveitar a boa vontade de todos «caveiras» que queiram participar nesse certame monumental.

Assim, são realizados treinos de Polo-aquático duas vezes por semana na piscina de água aquecida do Departamento de Esportes do Estado de São Paulo.

O Professor Kanishi Sato continua orientando o curso de natação agora em fase intensiva, com o intuito de formar não uma equipe de campeões, mas uma equipe de nadadores.

Bola ao Cêsto sob a direção técnica esplêndida do Sr. Andre Barbosa, que faz realizar 2 treinos semanais, promete ser uma prova bonita e equilibrada.

Para o lado do Voleibol a coisa não tem andado muito bem desde a derrota do ano passado, mas, como há sempre um «mas», os treinos deverão ter início logo para que se possa reestruturar a equipe.

Dos outros esportes nada temos a comentar, exceto que se tem realizado treinos regularmente e, em especial a nossa equipe de Remo muito tem feito para mais uma vez demonstrar a soberania nas águas do Rio Tietê.

A Associação conta ainda com o Departamento de Tênis de Mesa, e, recentemente foi criado o departamento de Jiu-jitsu, que de-

de maio p.p., vem oferecendo um curso de judô aliás, bastante procurado.

Ainda em agosto houve um torneio Inter-Universitário, patrocinado pela F.U.P.E. e, no qual elementos de várias de nossas equipes participaram, defendendo a Universidade de São Paulo.

Em abril p.p., partiu para Belo Horizonte uma delegação Cultural e esportiva para tomar parte na I.º Inter-Med Nacional, a qual reuniu 11 Faculdades de Medicina de todo Brasil.

Já é de todos conhecido o fato de que a nossa delegação soube representar S. Paulo, tanto nos campos esportivos, como nos debates científicos, demonstrando elevado espírito de civismo e desportividade, tendo se laureado em Polo Aquático, Futebol e Atletismo e obtendo o 2.º lugar geral.

«Para mim foi má a nomeação»

Prof. Alípio Correa Neto fala sobre vestibulares, professores, alunos, ensino médico, e aconselha os futuros Doutores

Enquanto no saguão da Faculdade os alunos esperavam entre angustiados e semi-históricos os resultados do vestibular, nós aguardávamos temerosos a hora de sermos introduzidos na sala do Reitor.

E então aconteceu uma coisa diferente.

Recebeu-nos um cidadão pacato, elegantemente trajado, que assinava papéis enquanto falava, que tinha um jeito de sorrir que mais parecia um prenúncio de choro — quando ia comunicar alguma coisa em que tinha autoridade (e em quantas tinha!), que analisava devagar seus interlocutores, que tinha muitas idéias na cabeça, muitos planos em mãos e muita vontade de nos atender.

Aquêle senhor de meia idade, que falava pausadamente sem fazer pôse, não era outro senão o cientista, o professor, o médico-cirurgião, o socialista e o atual Magnífico Reitor da Universidade de S. Paulo — Alípio Correa Netto.

E depois, quando à noite deixávamos o prédio da Rua Helvétia pensávamos conosco — "a esta hora 82 "calouros" estão felizes".

O REITOR

Na realidade é um governador em miniatura e como tal tem que enfrentar problemas de toda a ordem. Principalmente os problemas administrativos e burocráticos asoberbam estes ordeiros do Estado Maior da Cultura. Para um cientista, ficar atrás de uma escrivaninha assinando papéis e deferindo pedidos, não é nada agradável.

"Para mim foi má a nomeação, mas vejo-me na obrigação de aceitar o encargo, apesar de árido, devido à confiança em mim depositada pelos professores e o Governador. É um cargo independente da carreira universitária", iniciou o Prof. Alípio Correa Netto.

AS FUNÇÕES DA UNIVERSIDADE

"Acho que a Universidade tem duas características principais: a Educação da mocidade num ensino superior e a Pesquisa, que pretende descobrir novos horizontes. Para isto precisa haver uma harmonia entre professores e alunos."

ESPÍRITO UNIVERSITÁRIO

"Sou de opinião que deveria haver uma maior interdependência cultural de nossas faculdades, afim de se entender o culto do humano" Assim, um sociólogo que não leva em conta o problema da esquistosomose no nordeste brasileiro, não poderá entender a sua civilização. O mesmo acontece com o médico que fica alheio a todas as ma-

nifestações culturais fora de sua especialidade"

E Prof. Alípio em vários exemplos nos países estrangeiros, mostrou como está sendo resolvido este problema muito sério.

"Por isso atribuo, ao Esporte um papel importante na educação moral de nossa mocidade. Mas também neste setor o espírito universitário está limitado. Todos pretendem representar sua Faculdade, mas ninguém pensou em representar a Universidade".

AS DESPESAS; AS DESPESAS

Só lamenta não poder mandar embora certos professores.

"As despesas serão feitas de forma a não prejudicar os diversos setores da Universidade. Haverá economia na remuneração do pessoal, mas as experiências não sofrerão interrupções. Serão dispensados muitos assistentes e servidores supérfluos; só lamento não poder mandar embora certos professores" disse-nos o reitor.

VESTIBULAR — SOLUÇÕES

"O modo atual pelo qual a maioria das faculdades fazem seus exames está antiquado. Assim já se fazia no meu tempo. Acho que o exame por meio de testes como é feito na Paulista convence mais. O número de vagas é determinado pelo C. T. A. de cada faculdade. Particularmente as faculdades de Medicina tem número limitado de vagas, porque senão tornariam-se uma escola profissional. A Faculdade de Medicina, como escola modelo, tem que manter este número de vagas. O mesmo se verifica nas escolas médicas dos EE. UU.. E o número de candidatos? No Brasil faltam médicos mas não faltam faculdades; temos 23 em todo o país. É evidente que os alunos procuram as melhores."

MÉDICOS

"Em nosso país também há uma má distribuição dos médicos. A população de S. Paulo é

trito Federal; no entretanto lá existe quase duas vezes mais médicos do que aqui. O ideal seria obrigar o médico a passar certo tempo no interior"

Contou-nos o Prof. Alípio que existe um projeto seu na Câmara, segundo o qual o médico deveria prestar depois de formado, durante certo tempo, assistência ao trabalhador rural, pois existem no Est. de São Paulo, 60 municípios sem assistência médica. Imaginem nos outros Estados!

CIENTISTAS OU POLÍTICOS

"Quem deve dirigir os destinos da humanidade são os políticos, porque só um homem de uma filiação partidária pode observar os problemas de seu país e do mundo. Mas acredito que poderá haver uma conciliação das duas atividades — eu sou um exemplo disto".

INTERPRETANDO O BRASIL

Depois o reitor referiu-se a assuntos econômicos, políticos e fenômenos sociais. Pena que, devido ao espaço, não sejam possíveis aqui reproduzir.

Afirmou, entre outras coisas, o Prof. Alípio baseando-se em

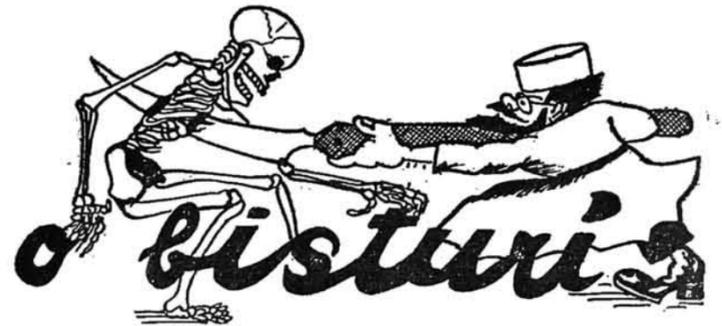
PRÓXIMO "O BISTURÍ"

Neste 2.º semestre deveremos ter 4 números de nosso jornal, que sairão regularmente entre os dias 20 e 25 dos meses de agosto, setembro, outubro e novembro respectivamente. A regularidade esta assegurada por contrato assinado.

O PRAZO para entrega de artigos expira no dia 8 DE CADA MÊS.

Portanto, envie sua colaboração até o dia 8 DE SETEMBRO.

- ★ Enfrentar a realidade face a face.
- ★ Não procurar a linha de menor resistência.
- ★ Chamar as coisas por seu nome.
- ★ Dizer a verdade por amarga que seja.
- ★ Não temer os obstáculos.
- ★ Ser fiel nas pequenas e grandes causas.
- ★ Ser audaz na hora de ação.
- ★ Tais devem ser as normas do MOVIMENTO ESTUDANTIL de «El Estudiante Libre»



Orgão Oficial do Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz» Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

ANO XXII -|| São Paulo — Agosto de 1955 || N.º 71

Vamos dar uma nota aos professores

Desta vez as notas foram dadas aos professores do 1.º ano de 1953 pelos alunos do atual 3.º ano, e foram:

AULAS PRÁTICAS

- Anatomia: 5,8.
- Fisiologia: 3,5.
- Química: 8,5.
- Histologia: 4,8.

AULAS TEÓRICAS

Anatomia: 8,1.

Fisiologia: Professor Franklin: 6,0; Dr. Alberto: 5,9; Dr. Antunes: 6,3; Dr. Paula Santos: 2,5; Dr. Fajor: 3,3; Dr. Orsini: 7,1; Dr. Lacaz: 6,6. Química: Dr. Eston: 5,3; Dra. Verônica: 7,4; Dr. Milton: 5,9; Dr. Raw: 1,1; Dr. Névio: 7,3.

Histologia: Professor Junqueira: 5,2; Dr. Sakae: 5,7; Dr.

Andreucci: 6,3; Dr. Ferreira: 7,7; Dr. Ivan: 5.

Observação: As aulas teóricas, de um modo geral, foram bastante fracas. Fazem exceção as aulas do Professor Locchi, do Dr. Névio, Dra. Verônica e Dr. Orsini. As aulas práticas também não foram grandemente apreciadas, agora com exceção das de química, sem dúvida é o curso prático de melhor organização. Passaremos, agora, a observações rápidas em torno de cada departamento:

Anatomia: Como já dissemos, as raras aulas do Prof. Locchi são sempre apreciadas e concorridas. São em pequeno número e nisso parece haver mais uma vantagem, pois assim elas se tornam aulas mais com um sentido de orientação, o que está perfeitamente concordante com a maneira de ser dado o curso prático dessa matéria. A orientação deste também nos parece bastante boa; as aulas de disseções não agradam totalmente porque nem sempre, quando dificuldades aparecem, os assistentes aparecem ao lado delas para desfazê-las; e nem sempre é agradável ficarmos correndo atrás dos assistentes pelos corredores. Isso se dá, também, com a célebre sala de distribuição de ossos.

Pelas notas, pode-se observar que, quando se consideram conjuntamente as aulas teóricas, o curso de anatomia foi o mais apreciado.

Fisiologia: O curso teórico absolutamente não é apreciado pela turma. A parte geral, dada pelo professor, é muito extensa, em detrimento da parte especial, dada pelos assistentes. Ninguém nega que a parte geral tenha um valor e, por isso, precise ser dada. Contudo, achamos que se resumidas algo mais, dariam mais tempo às aulas da fisiologia dos aparelhos. A parte de fisiologia especial deixa muito a desejar. Mal preparadas e mal dadas, têm a assistência apenas de uns poucos alunos. As aulas do Dr. Orsini (que deu a parte de neurologia) salvaram-se pela preparação; e as do Dr. Lacaz, pelo dinamismo.

Conclui na 10ª pág.

HOMENAGEM
Publicaremos em nossa próxima edição, uma homenagem ao estimado mestre, Prof. S. B. Pessoa.

Conn Therapeutics 1955: Cr\$ 560,00 * Best-Taylor - Physiology - 1955: Cr\$ 552,00

Sr. Professor, Sr. Doutor, Sr. Acadêmico:

LIVROS MAIS BARATOS

Encyclopaedia Britânica do Brasil Publicações Ltda.

GRANDE ESTOQUE CATALOGOS CRÉDITO

Exposição e Vendas Bar da F.M.U.S.P. 10,30 às 15 hs.

Bayley: Surgery of the heart: Cr\$ 1.150,00 * Goodman - Pharmacology - 1955: Cr\$ 805,00

Greenhill: Obstétricos - 1955: Cr\$ 644,00

Bauer: Differential Diagnosis: 1955: Cr\$ 690,00